



EVOLUÇÃO DAS TÁTICAS E DAS TÉCNICAS DE BLINDADOS

Agnaldo Del Nero Augusto

*Tenente-Coronel de Cavalaria da Turma de 20 Dez 56,
promovido ao posto atual, por merecimento, em 31 Ago 76.*

*Possui os cursos da Academia Militar das Agulhas Ne-
gras, da Escola de Comunicações, da Escola de Aperfeiçoa-
mento de Oficiais e da Escola de Comando e Estado-Maior
do Exército.*

*Exerce, atualmente, a função de Instrutor da Escola
de Comando e Estado-Maior do Exército.*

*"A rapidez é a essência da guerra, explore a lentidão
do inimigo, avance por caminhos inesperados e ataque
nos lugares sem defesa."*

Sun Tzu — 1

4. OS PRIMEIROS ANOS DA GUERRA

a. A doutrina na prática — Campanha da POLÔNIA

Nos anos 30 os alemães haviam criado um exército estritamente ofensivo cuja peça fundamental eram as Divisões Panzer. Essas divisões, embora sensivelmente alteradas em sua concepção original, estavam destinadas a operar em todas as fases da batalha, em todas as ocasiões, enquanto o terreno lhes permitisse.

As quatro semanas que duraram as operações na POLÔNIA foram um teste utilíssimo para a consolidação da doutrina de emprego das forças blindadas alemãs.

Ali, as Panzer só eram empregadas onde os alemães tencionavam obter a decisão. Nessas ocasiões, se fosse preciso vencer oposição inevitável, atacavam com várias levas de carro, escalonados em frente estreita, não superior a 5 Km, como ocorreu, por exemplo, em DANZIG. No entanto, se deparavam com posições fortificadas, particularmente com armas anti-carro bem localizadas e guarnecidas, tentavam silenciá-las ou empregar outra forma de manobra que não a penetração. Se a

posição tivesse seus flancos bem guardados, esperavam a Infantaria cerrar para desencadear um ataque convencional.

O perfeito conhecimento da capacidade dos carros permitiu que os alemães os utilizassem em caminhos julgados pelos outros exércitos inacessíveis a estes. O Gen Thoma, por exemplo, após evitar o caminho natural pelo Passo de JUBLUNKA, preferindo realizar sua ação pela Floresta de TUCHOLA, graças à facilidade que encontrou para apossar-se de seus objetivos, enunciou: "uns poucos carros no ponto menos óbvio e sem defesa, valem mais que um exército deles no local mais provável e mais bem defendido". Era a ratificação para as forças blindadas de velho princípio que seria largamente utilizado pelos alemães.

Os alemães puseram em prática, pela primeira vez em campanha, a tática de cerco que devia caracterizar o combate de seus corpos blindados nas campanhas subseqüentes: irrompimento através das defesas adversárias, buscando fazer a junção, rapidamente, à retaguarda, de modo a formar um bolsão, no interior do qual o adversário seria destruído por outras forças.

Aprenderam, também, os alemães, embora nem sempre respeessem esse ensinamento auferido, que as localidades constituem-se em obstáculos para as forças blindadas só superados pela necessidade de transpor obstáculos aquáticos. VARSÓVIA lhes ensinara que a redução de cidades e fortificações poderosas devem ficar a cargo da Infantaria.



Perceberam o quanto era importante para as forças blindadas o apoio aéreo, mesmo indireto, e puderam definir a organização de um Corpo ideal, com base na experiência do XIX Corpo Panzer de Guderian, constituído de 2 Div Pz e 1 Div Inf Mtz.

Embora não tivessem tido oportunidade de travar nenhum sério combate de carro contra carro e as forças polonesas se mostrassem fracas, as Panzer demonstraram que o planejamento, a organização e os métodos estabelecidos antes da guerra eram perfeitamente adequados para enfrentar as defesas convencionais. As Div Inf Mtz mostraram-se valiosos complementos das divisões panzer.

A rapidez e a surpresa, que lhe imprimiram uma agressividade invulgar, tinham sido as características marcantes das forças blindadas alemãs. Firmava-se, assim, o conceito operacional dos alemães — a “Blitzkrieg” e o instrumento de sua realização, a “Divisão Panzer”.

Por outro lado, as divisões ligeiras mostraram-se incapazes, seja de atuar como as Panzer, por lhes faltar meios adequados, seja de operar como tropa de acompanhamento daquelas, por não contarem com suficientes forças de Infantaria. Também as Div Inf clássicas foram julgadas inadequadas para emprego nesse novo tipo de guerra, a “guerra relâmpago”, como passou a ser chamada.

O importante dessa experiência, no entanto, foi a pronta absorção dos ensinamentos colhidos. As Divisões Ligeiras foram imediatamente transformadas em Panzer. Tanto quanto possível, a Infantaria foi equipada com VBTP o que lhe permitia operar mais estreitamente com os CC e o apoio aéreo às forças blindadas foi aperfeiçoado. Criavam-se, com base na experiência dessa Campanha, as condições para que as Panzer alcançassem o mais alto grau de eficiência, o que viria ocorrer na Campanha da FRANÇA.

b. A derrota de uma estratégia — Campanha da FRANÇA

A 10 de maio de 1940, as teorias dos dois principais sistemas militares europeus foram postas em confronto. O seu desfecho é por demais conhecido — não há notícias nos anais das guerras de que forças tão poderosas quanto as lançadas pelos aliados na Campanha de 40 se tenham deixado abater tão rápida e completamente.

Pela superioridade dos meios aliados era razoável esperar que se saíssem melhor. Se os equívocos da estratégia aliada facilitaram a ação das forças blindadas alemãs, nem isso e nem mesmo o fato destas últimas terem ido para a guerra com uma técnica apuradíssima pode explicar como uma grande nação pôde sucumbir ao impacto de um golpe tão repentino. Só as profecias de Fuller sobre o golpe paralisador das forças blindadas, mais psicológico do que físico, oferece uma explicação razoável deste colapso.

Do exame desta Campanha desejamos ressaltar os conceitos sobre os quais os aliados erigiram sua doutrina. Neste particular, nada mais indicativo do seu falho ponto de vista militar do que a crença de que os alemães se curvariam à sua lógica e evitariam atacar a “Linha Maginot”, realizando um amplo envolvimento pela BÉLGICA, numa repetição do velho “Plano Schlieffen”.

Destas idéias resultou a catastrófica distribuição de suas forças. Dela e do desejo de respeitar a neutralidade da HOLANDA e da BÉLGICA, resultou o complexo “Plano D”, realizado sem qualquer coordenação com os belgas. Em consequência, arbitraram uma linha da defesa belga — a do Rio DYLE — para sua própria defesa, sem saber se tinha valor defensivo e que só seria ocupada depois que o inimigo invadissem o território daquele país.

Com a invasão da BÉLGICA, ao Corpo de Cavalaria, constituído das 2ª e 3ª DLM, coube avançar rapidamente à frente do 1º Gr Ex para, cobrindo-o, reconhecer aquelas posições.

O problema para o Corpo de Cavalaria francês não era só o de falta de tempo para preparar a posição, mas também de concentração em espaço, pois embora as DLM tivessem tantos carros quanto os alemães nessa frente, deveriam empregá-los em frente ampla para cobrir todos os acessos à posição dos exércitos, enquanto as panzer estavam sendo lançadas em estreito setor. Nestas circunstâncias, não é de estranhar que os carros franceses fossem incapazes de fazer valer a superioridade de seu poder de fogo, vendo-se, repetidamente, envolvidos em bolsões, atacados pela frente e pela retaguarda, por um inimigo que, em cada local, se fazia numericamente superior.

Quando os carros do Corpo de Cavalaria começaram a chegar às margens do DYLE, em 10 de maio, depois de longa marcha de cerca de 160 Km, estavam sozinhos, pois os belgas já não apresentavam resistência e o I Ex francês, praticamente, não se movera e seus morosos carros de infantaria tinham que aguardar a noite para serem levados à frente.

No dia 12 de maio as DLM se viram sob pressão. A 13 estavam a 15 Km à frente da que seria a principal posição de defesa, que ainda estava para ser totalmente ocupada pelo 1º Ex francês. Na manhã seguinte, o Corpo de Cavalaria foi acolhido e ao invés de ser concentrado à retaguarda como uma poderosa reserva móvel, teve seus carros distribuídos pela Infantaria, pois o Cmt do I Ex pensava em termos de defesa em uma única linha. Deste modo, essas divisões que eram as únicas além das DCR que se achavam em condições de atuar em massa, tinham seus carros disseminados por toda a frente, desmembrando-se o Corpo de Cavalaria.

Contradição semelhante a antes descrita e que põe a nu os falsos conceitos dos aliados, reside no fato de que, enquanto os carros leves do Corpo de Cavalaria vinham arcando com o peso principal, em combate cerrado próprio da Infantaria e com grandes baixas, os "Matilda", que haviam sido projetados para esse tipo de combate, permaneciam inavitos junto à Força Expedicionária Inglesa que se deslocara para a BÉLGICA.

No momento em que as DLM estavam sendo acolhidas ao norte, os Corpos Blindados alemães estavam aparecendo na margem leste do Rio MOSA e a travessia de pelo menos 7 Div Pz pelas ARDENAS derrubou a teoria de que a região não seria penetrável por forças blindadas, colocando as reservas alemãs entre a linha "Maginot" e o grosso das forças aliadas, lançando completa confusão em todo seu sistema defensivo.

A rapidez do colapso do exército belga, a pesada pressão que sofriam as forças do 1º Ex ao norte e a penetração nas ARDENAS roubaram toda tranquilidade do Alto-Comando Francês, antes mesmo que o combate ao longo da frente atingisse o seu auge.

Os franceses haviam perdido a grande oportunidade de atacar as forças alemãs no momento que estas se mostraram mais vulneráveis, isto é, quando sua infantaria, apoiada por artilharia e bombardeiros de mergulho, estabeleciam cabeças de ponte no MOSA. O forte fogo da artilharia francesa retardara essa travessia em alguns lugares, mas a destruição dessas forças não pôde ser feita porque os aliados não dispunham de GU blindadas na área com que pudessem contra-atacá-las com eficiência.

Não podendo impedir a travessia no MOSA, o 9º Ex francês iniciou a retirada expondo por completo o flanco do 1º Ex que já lutava com grande dificuldade. Agora, toda a frente estava em movimento e os conceitos aliados destituídos de valor. Pagavam pelo erro de se obstinarem, antes da guerra, em não reconhecer a possibilidade de uma decisão por blindados. O pânico que se apossou dos germânicos no final da I GM, quando passaram a exagerar o número e o valor dos carros de combate, desta vez, se abatia sobre os aliados.

Quando das cabeças de ponte, as Div Pz começaram a por-se em perseguição aos franceses que se retiravam, estes realizaram, com seus Btl independentes, contra-ataques esparsos e por isso mesmo ineficientes.

Muitas oportunidades de causar pesados danos às tropas alemãs foram perdidas. Os blindados franceses haviam fracassado em mobilidade e concentração, por não possuírem suas tropas um padrão elevado de treinamento. O número de veículos franceses posto fora de combate por falta de combustível foi muito maior do que o de destruídos pelo inimigo. Além disso, as tropas blindadas francesas não se atreviam a movimentar-se de dia, por temerem os implacáveis ataques da aviação alemã.

Uma dessas oportunidades perdidas a que nos referimos merece ser recordada porque revela toda filosofia que foi derrotada nesta ocasião. A 3ª DCR chegava a SEDAN, no exato momento em que Guderian, com seu XIX Corpo Pz se desviou para Oeste, deixando exposto seu flanco. As péssimas condições dos canais de comunicações, a morosidade das forças francesas em se articularem, a lentidão do reconhecimento e do reabastecimento impediram que a 3ª DCR desfechasse um ataque rápido e, talvez, decisivo. Além disso, muitos dos "Char B" desta Divisão haviam enguiçado durante o longo percurso e ainda não estavam presentes. Quando tudo estava pronto o Cmt francês no local mudou de idéia, optando por manter-se na defensiva, dispersando a 3ª DCR como uma fileira de casamatas ao longo do flanco sul do avanço de Guderian, como a protegê-lo.

Atitude semelhante seria repetida com constância. Adotar uma atitude defensiva era o plano favorito de muitos líderes franceses quando se defrontavam com qualquer dificuldade.

Em 20 Maio os alemães avistaram o Canal da MANCHA de suas novas posições em ABBEVILLE. Chegando ao canal, pela faixa litorânea alcançariam BOULOGNE e dali DUNKERQUE e o Grupo de Exército franco-britânico estaria isolado e obrigado a depor as armas. Em 21 Maio, os aliados não tinham forças sufi-

cientes próximas da costa para retardar as panzer e permitir uma retirada ordenada. Sua única esperança era um contra-golpe ao longo do corredor panzer que se estendia desde SEDAN. Mas não tinham os aliados forças suficientes para golpe tão profundo quanto o necessário e o corredor panzer começava a ser revestido por forças de infantaria motorizada. Fizeram então um pequeno ataque com o que dispunham, 2 Btl de carros pesados e 2 Btl de Infantaria, na região de ARRAS.

Esse ataque se fez sobre parte das forças da 7ª Div Pz, de Rommel, que realizava, com uma força de carros, um desbordamento para flanquear a cidade, e a tinha muito distante da Infantaria. Foi sobre essa Infantaria isolada e desprotegida que incidiu o ataque dos carros britânicos.

Os britânicos logo perceberam que os Can AC de 37 mm da Infantaria alemã não danificavam a blindagem de seus "Matilda". Após infligir pesadas baixas na Infantaria alemã, foram detidos diante de posições de artilharia de campanha, onde os artilheiros tiveram a iniciativa de utilizar seus Can de 88 mm contra seus carros. Esta era a primeira, mas não seria a última vez, que os Can 88 mm alemães fariam a balança pender para Rommel. Os carros de Rommel, porém, nesta oportunidade, se mostraram inúteis pois além de voltarem tardiamente, encontraram uma barreira de Can AC britânicos que destruiu nada menos que 20 deles.

Embora mais uma vez os aliados utilizassem de forma equivocada seus carros, uma vez que, agora que necessitavam de carros ligeiros, capazes de realizar uma ação mais profunda, utilizassem os Matilda, carros que tinham sido projetados para dar apoio à Infantaria em ataques cuidadosamente preparados, o fato é que a iniciativa do ataque superara esses aspectos técnicos e os alemães haviam sido detidos pela primeira vez. E mais importante que isso é que esse pequeno ataque não os detivera apenas localmente. O choque de ARRAS se refletiu em todo o sistema alemão, que temia um ataque para cortar suas pinças a qualquer momento. Esse ataque, ainda que posteriormente se verificasse desnecessário, provocou o retorno de algumas divisões em socorro da 7ª Div Pz, aliviando a pressão sobre DUNKERQUE.

As ações em torno de ARRAS mostraram que canhões AC atuando em conjunto com forças blindadas constituíam uma combinação formidável. Mostraram, neste particular, a excelente qualidade dos Can 88 mm alemães como "travadores de carros à longa distância" e a ineficiência dos Can AC 37 face a carros bem blindados como os Matilda.

Desta fase da Campanha da FRANÇA até a rendição não houve mais nenhum episódio que permitisse auferir novos ensinamentos, exceto que o soldado francês nunca deixou de se mostrar valente e um ardoroso combatente, como mais um fator a atestar que a derrota da FRANÇA foi a derrota de uma estratégia.

Dizia o General De Gaulle referindo-se ao período pré-guerra: "A idéia da frente fixa e contínua dominava a estratégia prevista para uma ação futura. Dela resultavam diretamente a organização, a doutrina, a instrução e o armamento. Estava convencionalizado que, em caso de guerra, a FRANÇA mobilizaria a massa de suas

reservas e constituiria um número tão grande de divisões quanto possível, feitas não para manobrar, atacar e explorar, mas para defender setores. . . Os tipos de engenhos estavam estabelecidos em conformidade com estas concepções: carros lentos com canhões ligeiros e curtos, destinados a acompanhar a Infantaria e não às ações rápidas e autônomas. . ."

Enfim, a estratégia francesa "se cristalizara nas concepções que haviam estado em vigor antes do fim da última guerra" e esta estratégia é que tinha sido fragorosamente derrotada.

Com a sucessão de golpes que sofreram, ao final desta Campanha, os franceses haviam perdido o fascínio pela defesa em linhas contínuas e trabalhavam para estabelecer um sistema defensivo profundo. Mas, quando isso ocorreu, sua força mecanizada, juntamente com o antiquado exército de Infantaria jaziam por terra.

c. As panzer aperfeiçoam suas táticas

Na Campanha da FRANÇA, as panzer apresentaram-se com parte de sua Infantaria equipada com veículos blindados de transporte de pessoal que permitiriam a essa parte da Infantaria operar estreitamente com os carros, com, até então, inigualável eficiência. Ao restante da Infantaria, motorizada, era dada uma missão menos móvel e mais passiva.

A velocidade era a obstinação das forças blindadas alemãs. Em benefício dela, a participação da Artilharia em um ataque blindado também foi modificada, substituindo-se os tradicionais e, relativamente, lentos tiros de preparação da Artilharia, sempre que necessário e possível, por ataques em massa, muito mais rápidos, dos bombardeiros em mergulho. A missão do relativamente pequeno componente de Artilharia das divisões panzer deveria se concentrar agora sobre os alvos, inacessíveis e muito perigosos aos carros, tais como as armas anti-carro do inimigo. Essa Artilharia ganhava, porém, em mobilidade e em proteção blindada com o emprego dos chamados canhões de assalto, canhões com deriva limitada transportados em chassis blindados sobre lagartas.

d. Os preparativos no ano de 1940

1) Os ingleses

Sob a ameaça da invasão alemã, um grande esforço era feito na INGLATERRA para racionalização dos blindados. As lições aprendidas na FRANÇA começavam a dar frutos.

O preparo dos homens mereceu cuidado especial. Era intenso o treinamento que deveria transformá-los em motoristas, artilheiros e operadores de rádio.

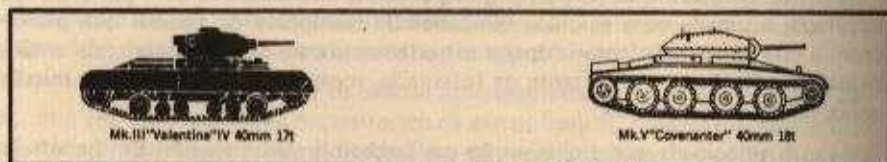
No outono de 1940, pela quarta vez desde 1938, a organização das divisões blindadas era modificada. Agora contavam com 6 Rgt de carros leves e médios e 3

Btl Inf, o que exigia nada menos do que 320 carros por divisão. Essas divisões eram complementadas por 1 Rgt Art e 1 Rgt de veículos blindados.

A grande dificuldade inglesa era o fornecimento dos CC e outros veículos essenciais à criação do novo exército capaz de igualar os experimentados alemães. Toda sua força mecanizada tinha ficado em DUNQUERQUE. Todos os carros necessários precisavam ser fabricados e isto foi feito, mas, sem dúvida, com prejuízo da qualidade.

Neste ano, os ingleses produziram mais de 4.800 carros. Apesar disto revelar um esforço valioso, estava muito aquém da necessidade estimada e do esperado, principalmente porque deste total a maioria era de carros leves, a esta altura, virtualmente inúteis. As lições dos reveses colhidos no campo do confronto entre carros não seriam aproveitadas.

Em 1939 haviam fabricado o Mark II ou "Matilda" a que já nos referimos no artigo anterior e o cruzador Mark V—Covenanter, este fornecido em grande número à URSS.



Em 1940, ficou pronto o Mark III—Valentine. Este carro usava um motor a gasolina ou diesel e estava artilhado com um Can 40 mm; sua blindagem era rebatida, ligada entre si e não a uma armação ou esqueleto como tinha sido normal na Vickers até então. Apresentava uma série de desvantagens, principalmente para a guarnição, entre as quais destacamos: as dimensões da cabine de condução dificultando a entrada e saída, a caixa de mudança de 5 velocidades que exigia muita perícia do motorista e a direção que exigia um esforço considerável, concorrendo tudo isso, naturalmente, para a pouca manobrabilidade do carro.

2) Os norte-americanos

Ao mesmo tempo que os ingleses, os norte-americanos também cuidavam de reorganizar suas forças blindadas e também o faziam às pressas porque a possibilidade de guerra chegara muito mais rapidamente do que o esperado.

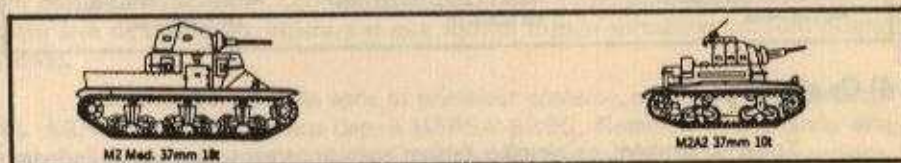
Começando tarde, agiram com presteza tão logo a necessidade se tornou evidente e porque, como acontecera antes, eles não tinham se preparado suficientemente, eram obrigados a copiar dos outros. Em Jul 40, inspirados pelo Gen A R Chaffee, eles reuniram unidades de Infantaria Mecanizada e os carros da Cavalaria no Corpo Blindado dos Estados Unidos, sediado em Fort Knox, copiando a filosofia alemã na organização de sua arma blindada.

A idéia dos blindados funcionarem como força decisiva e independente era, agora, reconhecida por unanimidade.

A 7ª Bda Cav experimental foi transformada na 1ª Bda Bld da 1ª Div Bld. Essa divisão era formada de 6 Btl de carros leves, 2 Btl de carros médios, apoiados por Artilharia e forças motorizadas, compreendendo um total de 700 veículos, dos quais 381 eram carros de combate. Além disso a divisão teria em reserva um Btl Inf equipado com carros pesados, destinado a apoiar diretamente as unidades de Infantaria. Essa organização se parecia muito com as primeiras divisões panzer.

A semelhança dos alemães no seu início, a indústria norte-americana da época, só produzia, praticamente, carros leves. Em 1939 haviam projetado o M2, um carro médio, de 18 ton, dotado de um motor Wright de avião, de 350 HP. Tinha um raio de ação de 200 Km e consumia cerca de 2,5 litros de combustível por Km. Estava armado com um Can 37 mm e 8 metralhadoras .30. Sua blindagem máxima era de 25 mm. Em 1940, produziram o M2A1, cujas diferenças em relação ao modelo anterior eram: uma blindagem mais espessa, que lhe aumentou o peso para 23 ton e o motor, que teve sua força aumentada para 400 HP.

Em 1940 produziram um carro leve, o M2A2 com 10 ton e também armado com Can 37 mm. Como se observa, estavam os norte-americanos bem atrasados quanto às características dos carros necessários, particularmente, no atinente ao seu artilhamento. Para o carro pesado não havia sequer um projeto aprovado. Embora as características desse carro fossem estabelecidas com presteza, sua produção ainda demoraria, no mínimo, 2 anos.



3) Os soviéticos

Após a execução de Tuklachevsky e o descrédito de seus pontos de vista, os russos passaram a disseminar seus carros pelas unidades de Infantaria.

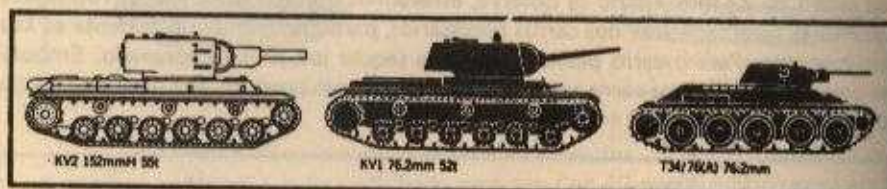
Afortunadamente para os soviéticos, enquanto isso se passava, uma nova estrela estava nascendo na área dos blindados nos campos da MANDCHURIA. Georgi Zhukov retificava suas idéias a respeito do emprego de forças blindadas independentes no campo de batalha moderno, nas batalhas de LAKE HASAN (1938) e KHALKHIN-GOL (1939) na guerra contra o JAPÃO, quando seus carros lograram obter profundas penetrações nas posições inimigas.

Retornando à RÚSSIA, Zhukov conseguiu ver aceitas suas idéias e os manuais de campanha, que começaram a ser preparados, refletiam-nas. Esses manuais,

no entanto, não chegariam a ser publicados. As desastrosas experiências russas na guerra com a FINLÂNDIA, em vigoroso contraste com os sucessos alemães na POLÔNIA e FRANÇA, evidenciaram a necessidade de estudos cuidadosos para a realização de mais profundas modificações na doutrina soviética.

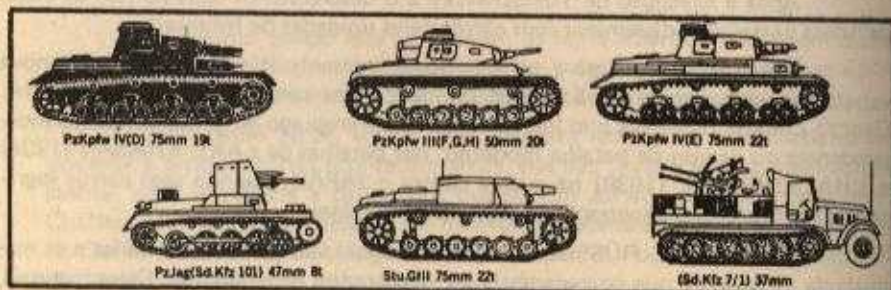
Os russos, porém, não perderam tempo. Em Nov 40 começaram a organizar nada menos que 22 Corpos Mecanizados, cada um composto de 2 Div de carros e uma Div motorizada, como preconizava Tuklachevsky.

Em 1940, produziram o KV2, um obuseiro de assalto de 152 mm pesando 55 ton. Ainda nesse ano produziram: o KV 1, um carro pesado de 52 ton, armado com um Can 76,2 mm, construído para substituir seu fracassado T-35. Mostrou-se superior aos carros alemães, não só pelo seu canhão, mas também pela sua blindagem, tão ou mais eficiente que a dos "Matilda" ingleses; o T-34, um aperfeiçoamento da série "BT", constituindo-se em substancial progresso nos blindados soviéticos. Veio dotado de rádio e apresentava um excelente raio de ação de 455 Km em estrada e 260 Km através do campo. Com uma blindagem que variava de 45 a 70 mm, peso de 26,3 ton, armado de Can 76,2 mm e desenvolvendo até 60 Km/h, apresentava uma magnífica e equilibrada combinação de blindagem, mobilidade e poder de fogo.



4) Os alemães

Todavia, também os alemães faziam aperfeiçoamento em seus blindados. Construíram três diferentes modelos, o F, o G e o H do Pz III, com melhor blindagem, o mesmo ocorrendo com o Pz IV, no seu modelo D e E, este último tendo um acréscimo de 3 ton em relação ao modelo anterior, em função, praticamente, do aumento de sua blindagem.



Os germânicos produziram ainda, neste ano, um carro destróier, um veículo blindado de meia-lagarta de defesa aérea e um canhão de assalto de 75 mm.

5. A PRIMEIRA FASE DA GUERRA NO DESERTO

a. Uma nova organização panzer

Forçados a atuar no Norte da ÁFRICA, em razão do fracasso italiano naquele TO, os alemães que se empenhavam em luta nos BALCÃS e estavam em preparativos para a invasão da RÚSSIA, ainda neste ano, interviram no TO africano com uma nova organização denominada "ÁFRICA KORPS".

O África Korps era formado de 2 divisões que foram criadas bipartindo-se os carros das Div Pz originais, dando origem a Div Pz menores que seriam bastante utilizadas no futuro. Essas divisões possuíam apenas 1 dos 2 Rgt Pz da divisão original e este Rgt, diferentemente daqueles que eram constituídos de 3 Btl, tinha apenas 2 Btl, cada um com 90 máquinas.

b. A guerra de blindados

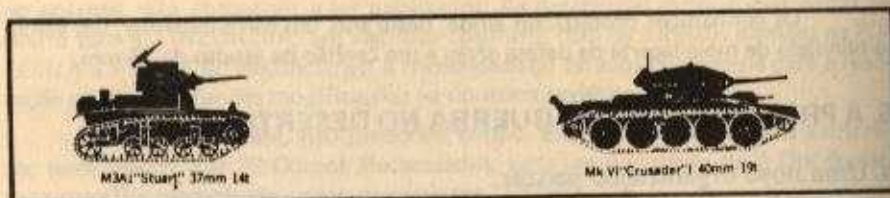
Os ingleses haviam derrotado com certa facilidade as forças italianas no Norte da ÁFRICA, ocasião em que haviam demonstrado alto senso de orientação no deserto e se destacado no emprego de ações móveis, além de se tornarem guerreiros sazonados no deserto. Como aos alemães faltava a adaptação às características da nova área de operações, esperava-se que aqueles fossem apresentar um bom desempenho.

No entanto, um mês após os primeiros contatos, os alemães conquistaram EL AGHEILA e uma semana depois MERSA BREG. Rommel, aproveitando essa oportunidade, partiu para Leste em perseguição aos ingleses que, surpreendidos, mostraram-se tão desorganizados quanto os franceses, em maio do ano anterior.

Tecnicamente os blindados alemães não eram melhores do que em 1940, embora se mostrassem mais eficientes que os britânicos; taticamente os germânicos superavam os ingleses, tanto quanto estes haviam superado os italianos.

As táticas no deserto tomaram aspecto singular. A ênfase estava na competição entre carros e canhões. As batalhas podiam ser iniciadas a longas distâncias, embora a avaliação destas se tornasse difícil no deserto. A técnica de tiro do carro assumiu vital importância e foi aspecto decisivo.

Neste particular, os ingleses levavam ampla desvantagem. O "Stuart", carro leve de fabricação norte-americana que utilizavam, era artilhado com um ultrapassado Can 37 mm. Mesmo o seu mais novo carro, o "Crusader", que se locomovia a alta velocidade, era armado com um obsoleto Can 40 mm. Com os canhões desses carros os ingleses raramente conseguiam um tiro eficaz além dos 800 m e, mesmo a essa distância, precisavam de sorte para atingir e penetrar um carro alemão. Enquan-



to isso, os carros alemães realizavam o tiro eficaz a 1000 m ou mais e os canhões de seus carros disparando munição "HE", muitas vezes inutilizavam os carros ingleses ao danificar partes vitais destes, mesmo quando não os atingia diretamente. Além disso, a Infantaria panzer estava, agora, dotada com um formidável Can 50 mm, cano longo, para suplementar os seus moribundos Can 37 mm. Dispunham também os alemães do eficiente Can 88 mm de finalidade dupla. Tinham, pois, múltiplas opções para o tiro eficaz a 1000 m ou mais.

Em 11 de abril, as forças alemães já haviam atingido TOBRUK. Até 2 de maio, Rommel realizou tentativas infrutíferas para tomar TOBRUK. Rumou então para Este e a 27 tomou HALFAYA, onde as forças alemães se estabeleceram defensivamente.

Em Jun, os britânicos partindo do EGITO intentaram uma operação ofensiva denominada "Acha d'Armas", porém, inferiorizados quanto ao artilhamento e incapazes de fazer sua Artilharia sobre rodas acompanhar o avanço dos carros, deixaram estes a mercê dos Can AC alemães entrincheirados, que eliminaram a superioridade numérica inglesa antes que seus carros entrassem em ação. Os britânicos foram forçados a se retirar e puderam escapar graças à ação de seus Crusader e Matildas, uma vez que os carros alemães, afastando-se de suas armas AC, já não possuíam vantagem tão marcante.

Mais uma vez a situação se estabilizou até nova operação britânica denominada "Operação Cruzado". A batalha começou a 18 Nov. De início, os ingleses conseguiram cercar as forças do eixo em HALFAYA e SOLLUM, mas isso era pouco significativo para o resultado da batalha, que seria vencida por quem vencesse a batalha móvel.

Os britânicos partiram em três colunas, cada uma com 1 Bda B1d, apoiada por uma Bda Inf Mtz. Essas colunas estavam muito separadas, o que permitiu que os germânicos as atingissem por sucessivos ataques, uma a uma, impondo grandes perdas a todas elas.

A resposta alemã a essa operação foi um exemplo expressivo de batalha defensiva, muito utilizada pelas forças do eixo na ÁFRICA. Os ingleses por sua vez, continuavam a pagar caro pela insistência em empregar isoladamente suas Brigadas Blindadas.

Os alemães haviam tomado a dianteira na importante corrida canhão/blindagem. Só a presença de alguns canhões AC, longos, de 50 mm, montados em repa-

ros de campanha, que podiam enfrentar todos os tipos de carros britânicos, inclusive os Matildas, deixava os alemães melhor armados do que em junho. E estes haviam sofisticado suas táticas de emprego de blindados: mesmo no ataque, sempre levado a cabo com brilhantismo por seus carros, quando possível, levavam em seu apoio, bem à frente, seus canhões anticarro. Assim, seja nas ações ofensivas, seja nas defensivas, contra esses canhões é que os ingleses se batiam com frequência¹.

A importância das armas AC fez crescer o valor do apoio aéreo. Contra posições com elas organizadas, não fosse o apoio da F Ae os carros não mais sobreviveriam. As posições defensivas deviam ser vencidas pelo esforço combinado dos carros com os aviões.

Os alemães, todavia, não deram o golpe de misericórdia nos ingleses, como poderiam tê-lo feito em RIDI REZECH. A grande preocupação alemã era romper o cerco das suas forças em HALFAYA e SOLLUM e nesse afã, ainda que realizando exuberantes, incursões contra a retaguarda britânica, iam se desgastando, enquanto aqueles, sendo regularmente supridos, adquiriram uma superioridade insuportável. Assim a 4ª Bda Bld inglesa que a 25 de novembro estava reduzida a 41 CC, a 29 deste mês tinha 85 e a 30, 120 CC.

Não conseguindo realizar a junção com suas forças cercadas na fronteira egípcia, a 5 de dezembro os alemães começaram a recuar para GAZALA.

Nessa ação, os alemães mais uma vez mostraram sua superioridade tática, realizando o que se pode dizer, uma retirada vitoriosa, que não deu aos ingleses motivo para se vangloriarem. Eles haviam vencido pela vasta superioridade numérica. A habilidade tática e a criatividade do Comando alemão permitiram-lhes minimizar bastante a desvantagem em volume de material e em pessoal em que sempre se viam colocados.

Na sua retirada, constantes foram as vezes em que as tentativas de desbordamento dos britânicos eram respondidas com ataques violentos e cercos locais, que acabaram impondo aos ingleses perdas muito maiores do que as sofridas pelas forças que recuavam.

Nos primeiros dias de janeiro de 42, os alemães estavam de volta a EL AGHEILA, mas apesar disso, os britânicos terminavam esse período com a moral bastante baixa pois sabiam avaliar a qualidade de seu material e eram suficientemente inteligentes para perceber que além desse fator, a escassa habilidade militar que possuíam tinha concorrido fortemente para o insucesso.

1 - Segundo o Gen Desmond Young a maior contribuição de Rommel "à tática de emprego de blindados foi o vasto emprego que fazia de uma cobertura de canhões anticarro autopropulsados. Atrás destes canhões, seus Pz avançavam. Através deles, podiam ser lançados ao ataque, depois de neutralizar os nossos blindados".

6. A INVASÃO DA RÚSSIA

a. Teria sido preciso que os russos tivessem tido bem mais dos sete meses entre o início da reestruturação de suas forças e a invasão alemã, para que estas pudessem ter sido organizadas, equipadas e principalmente, treinadas dentro dos novos padrões de sua doutrina. Quando os alemães atacaram em Jun de 1941, seus métodos estavam ainda calcados no sistema anterior.

Baseados em seus antigos conceitos e outras causas que não cabem aqui examinar, os russos guardaram uma reserva estratégica, mas dispuseram o restante de suas forças ao longo de toda fronteira. Os alemães penetraram facilmente nessas defesas e percorreram, logo nos primeiros dias da Campanha, os largos e profundos espaços abertos encontrados na retaguarda russa, tão logo a penetração inicial foi obtida.

As forças alemães enfrentavam e destroçavam as forças russas que insistiam em aplicar a tática de defesa em linhas sucessivas, mais ou menos como os franceses haviam feito um ano antes. Isto aconteceu em todas as frentes.

Dois dias após o início da "Operação Barbarosa" o Gr Ex Centro já havia realizado o primeiro cerco de importantes forças russas próximo a SLONIN. O corpo Pz do Gen Mainstein, do Gr Ex Norte, em quatro dias, havia feito o notável avanço de 320 Km, até DNINSK.

Embora os corpos Pz agissem com certa independência, eles estavam, até então, enquadrados nos Ex Cmp alemães. É preciso notar que, fora das forças panzer o Exército alemão era formado, basicamente, por Div Inf que marchavam a pé, apoiados por trens de suprimento tracionados a cavalo. Havia então uma verdadeira luta entre os generais panzer e os não panzer com relação à atuação independente dos primeiros.

Todavia, nesta Campanha, segundo o Gen Blumentrit, "revivendo os velhos tempos, quando a cavalaria emassada devia avançar na frente da Infantaria para explorar o sucesso" Corpos panzer foram reunidos para formar exércitos panzer a serem lançados profundamente à frente. Nos primeiros dias de julho, a batalha de MINSK estava ainda no auge e as tropas blindadas deixaram a Infantaria reduzindo o bolsão, onde quase 30 divisões russas estavam cercadas, lançando-se para Este. O inimigo precisava ser derrotado antes do DNIEPER e do DIVINA, onde se situava a principal posição defensiva russa — a Linha Stalin — e o exército alemão como um todo, em 1941, era lento.

Aos que questionavam quanto à segurança, os Cmt Pz respondiam que a segurança das Div Pz dependia de seu movimento, sem preocupação constante com os próprios flancos ou tentativas de alcançar objetivos secundários. A velocidade ao longo da linha de ataque principal diziam, "é que deixava o inimigo sem fôlego, provocava desorganização em suas fileiras, aumentava o espanto dos soldados, cortava suas linhas de aproximação da frente ameaçada e destruía a infra-estrutura de abastecimento e transporte".

Em meados de Jul o Gr Ex Centro depois de completar outro cerco aniquilador de forças russas na área de SMOLENSK e cruzar o DESNA no fim daquele mês, havia coberto cerca de 2/3 da distância até MOSCOU. Os Gr Ex Norte e Sul chegaram à distância que um carro podia percorrer em um dia, até seus objetivos principais, apenas um mês após o início da Operação. Os resultados eram espetaculares. O avanço resultara em grandes leva de prisioneiros e em baixas sem precedentes numa guerra, além da captura de grande e valioso volume de material e de bater novos recordes de velocidade de avanço.

O sistema soviético, como o francês, demonstrara comparar-se desfavoravelmente com a simplicidade lógica dos métodos alemães de concentrar os carros de combate disponíveis nas divisões panzer e estas em pontos decisivos. Franceses e russos poderiam ter alcançado algum êxito se tivessem contado com situações estáticas, mas com a especialização excessiva que utilizaram nas técnicas de ataque desenvolvidas por eles, fracassaram sob as condições móveis impostas pelos alemães.

Todavia, após a batalha de SMOLENSK houve uma grande divergência entre Hitler e seu EM. Hitler pretendia capturar a UCRÂNIA, em lugar de MOSCOU e LENINGRADO, o que envolvia uma inversão das prioridades estratégicas estipuladas pela ordem da "Operação Barbarosa". Semanas preciosas foram perdidas até que se tomasse a decisão.

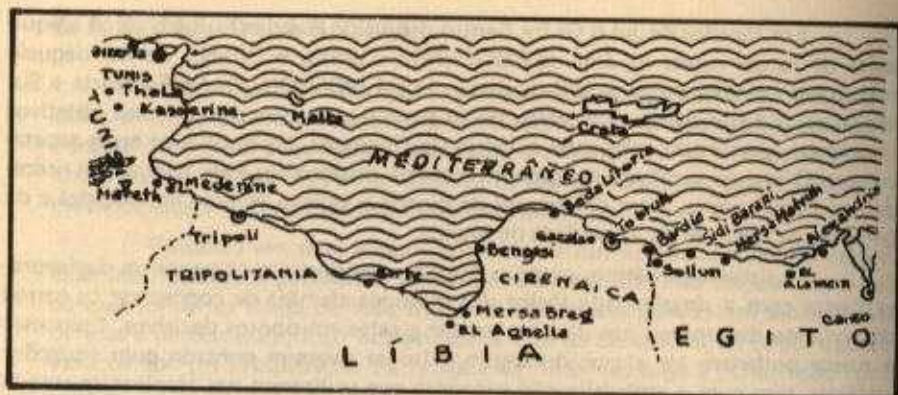
A esta altura, o Gr Ex Norte estava encontrando resistência mais renhida nos arredores de LENINGRADO. O Gr Ex Sul se contentava em realizar cerco gigantesco a Leste do Rio BUG, no início de agosto, ao obterem grande surpresa atravessando o BUG com seus carros preparados para mergulhar em seu leito, apenas com seu tubo de respiração na superfície.

A redução dos imensos bolsões que se sucediam retardava as tropas alemãs. A obstinada persistência e inarredabilidade dos soldados russos eram o que eles tinham de mais aterrorizador. Os alemães manobravam e os isolavam aos milhares e esperavam mais.

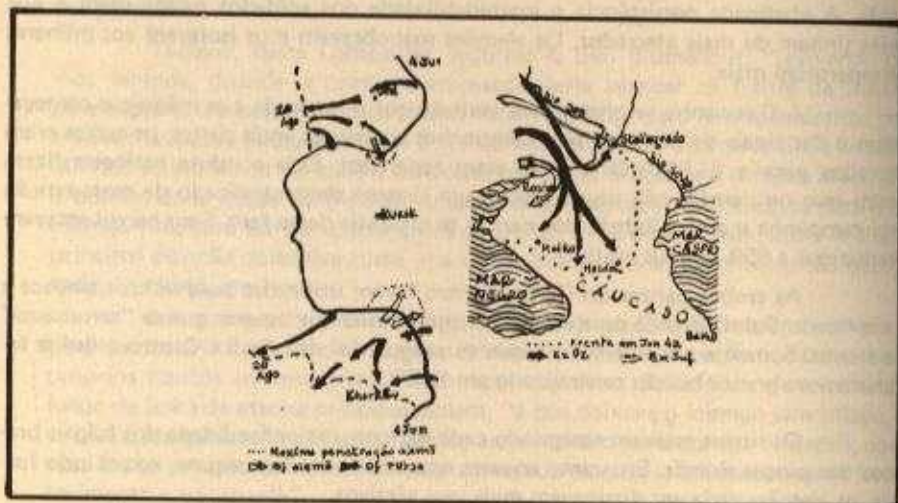
A Campanha se prolongava mais do que o esperado e as máquinas começavam a dar sinais de desgaste. Nas Campanhas anteriores, mais curtas, os carros eram levados para a ALEMANHA onde eram reparados. Essa conduta rotineira fizera com que os alemães não organizassem um sistema descentralizado de manutenção de campanha e a mobilidade dos panzer se ressentia desse fato. Seus carros estavam reduzidos a 65% de seus efetivos.

As tropas panzer do Gr Ex Centro foram utilizadas para reduzir ameaça a seu flanco Sul. O avanço para MOSCOU agora tinha que esperar que se "arrumasse" a frente. Somente em setembro é que as vanguardas dos Gr Ex Centro e Sul se fecharam no grande bolsão centralizado em KIEV.

Os russos estavam escapando cada vez com maior facilidade dos frágeis braços das pinças alemãs. Enquanto aqueles recuavam para base segura, adquirindo força, os alemães cada vez dissipavam mais seus efetivos.



Os que desejavam avançar sobre MOSCOU em agosto, enfrentavam agora a possibilidade de fazê-lo em outubro. Mas, o maior dos aliados naturais da Rússia — a lama ou “rasputitza” — já viera em seu socorro. Seu sucessor obrigatório viria pouco depois, o intenso frio do inverno, para solidificar os lodaçais, mas introduzindo dificuldades ainda maiores à exploração ulterior da campanha alemã. Sempre que a neve se descongelava, a lama se liquefazia e detinha todo e qualquer movimento, no campo ou nas estradas. Em tais condições, as lagartas dos veículos soviéticos, bem mais largas, davam-lhes significativa vantagem sobre seus opositores, cujos carros tinham lagartas mais estreitas. Esta superioridade técnica teve muito que ver com o melhor desempenho dos russos nos primeiros estágios da guerra de inverno. Enquanto os alemães não usassem lagartas mais largas, os russos muitas vezes teriam liberdade de movimento quando os germânicos ficavam presos ao solo.



Os russos melhoravam a qualidade de seu material e de suas posições. Na batalha de VYASMA aparecera pela primeira vez o "T-34/76", chamado "a maravilha soviética". O Marechal Shukov havia preparado posições defensivas em profundidade através das florestas que cobriam as vias de acesso a MOSCOU.

O frio era intenso. Era comum não ser possível abrir-se a culatra das armas e partirem-se os motores dos carros com o congelamento do óleo. Aliado a essa dificuldade estava o fracasso da manutenção descentralizada alemã. Toda a região estava coalhada de carros sem conserto. Os efetivos de carros estavam desesperadamente reduzidos. Deste modo, a mola-mestra dos exércitos panzer estava cedendo e com ela todo o poder ofensivo da Wehrmacht. A combatividade dos homens gelava com a temperatura.

No dia 5 de dezembro, todas as operações ofensivas alemãs tiveram que parar pois, nesse dia, os russos desfecharam sua primeira grande contra-ofensiva de inverno.

"Do carro de combate deve-se exigir, acima de tudo, capacidade de manobra, velocidade e um canhão de longo alcance, pois o lado que possuir armamento mais poderoso tem o braço mais longo e pode engajar primeiro o inimigo."

Rommel

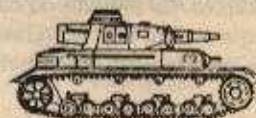
b. Evolução técnica

Já na Campanha da França haviam os alemães sentido a deficiência de seus carros em confronto com os Matilda e os Char B e realizaram um esforço para melhorar seus carros, particularmente, substituindo os Can 37 mm de seus Mark III e melhorando os Can 75 mm de seus Mark IV. Não sentiram, na ocasião, premência em fabricar carros mais poderosos embora desde 1937 e 1939 tivessem iniciado estudos de projetos de dois novos carros, respectivamente, um médio e um pesado. Em 1941, esses projetos não haviam chegado ainda ao estágio de protótipos. Todavia, desde que enfrentaram os T-34 e os KV-1, duas excelentes máquinas, os alemães sentiram necessidade de desenvolver urgentemente o projeto de carro capaz de enfrentá-los. O Can 75 mm de cano curto do Mk IV só era eficaz contra o T-34, se o pegasse pela retaguarda e assim mesmo se o tiro fosse colocado na grade situada acima do motor.

O primeiro pensamento alemão foi copiar o carro russo, no entanto, convenceram-se de que a indústria alemã não estava em condições de reproduzir o tipo de blindagem moldada do T-34 e nem o motor diesel de liga leve que tornava esse carro tão eficiente.

A solução a curto prazo foi melhorar os carros existentes. Assim, o Pz IV teve seu peso aumentado em 3 ton, alcançando 22 ton, não só como fruto da melhoria da sua blindagem, como também do alongamento do cano de seu canhão. Inicialmente recebeu um canhão de 43 calibres de comprimento (F1) e, posterior-

mente, receberia um canhão de 48 calibres (F2-1942). Com esta última inovação o Pz IV passaria a disparar seus projéteis a uma velocidade inicial de 2.460 pés/seg, o que daria a esse carro uma ligeira vantagem sobre os outros dotados de calibre igual ao seu e sobre os carros soviéticos, dotados de Can 76,2 mm. O T-34 e o KV-1 estavam dotados com canhões, respectivamente, de 30,5 e 41,5 calibres de comprimento o que lhes permitia disparar seus projéteis com as velocidades iniciais de 2.050 e 2.450 pés/seg.



001 PzKpfw IV(F1) 75mm 29

Convém lembrar que a capacidade de penetração de um projétil é, até certo limite, diretamente proporcional à sua velocidade inicial e ao seu calibre².

Considerando um projétil perfurante convencional (AP) a uma velocidade inicial de 2.000 pés/seg, este pode perfurar uma blindagem normal na proporção de 1 x 3 em relação a seu diâmetro, quando atinge o centro do alvo. Para a velocidade de 2.600 pés/seg a relação anterior cresce para 1 x 8 e para a Vo de 3.500 pés/seg essa relação cai para 2 x 8.

Por sua vez a Vo do projétil está relacionada com o comprimento do cano de canhão. Em função disso vamos observar um aumento do comprimento dos canos dos canhões e do calibre dos projéteis à medida que as blindagens vão aumentando.

Durante o ano de 1941, os alemães construíram ainda um carro destróier o Pz Jag TD e um carro blindado, sobre rodas, o Ps Spw, também armado com um Can 75 mm e um carro blindado de transporte de pessoal o Sd Kfz 251/g armado também com canhão, de 75 mm, mas com tubo mais curto e em viatura meia lagarta.

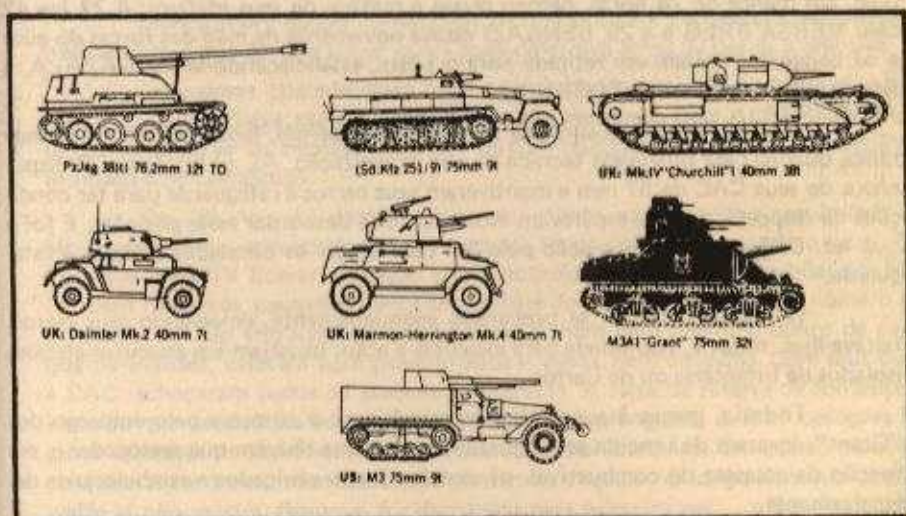
Os ingleses nesse ano construíram o Mk IV que ficaria conhecido por "Churchill", um carro pesado mas ainda armado com o deficiente Can 40 mm e o "Crusader" a que já nos referimos, mas cuja produção só teve início neste ano.

2 - A capacidade de penetração de um projétil depende de vários fatores constantes da equação empírica correspondente à fórmula de "Marre" que se segue: $WV^2 \approx Kd^3 (t/d)^n$ onde: W = peso do proj em lb; V = Vo do proj em pés/seg; D = constante dependente do projétil e da chapa do alvo; T = espessura da chapa que o projétil deve perfurar; o índice n tem um valor de 1,4; a constante K é aproximadamente igual a 10^6 para projéteis e chapas típicas. Para maiores detalhes ver R M Ogorkiewicz em Design and Development of Fighting Vehicles.

Também nas suas armas blindadas AC, sobre rodas, construídas em 41, o Daimler ou Mk 2, de 7 ton e o Mk-4 ou Marmon-Herrington, de igual peso, os ingleses insistiram no Can 40 mm.

Finalmente neste ano a Inglaterra decidiu iniciar a fabricação de seu CAC de 57 mm que ficara abandonado desde 1938 e iniciar a fabricação de um novo "cruzador" para substituir o "Covenanter" que se mostrara inapto para o combate. Enquanto o novo carro não ficasse pronto, continuaria dependendo dos carros médios norte-americanos para satisfazer suas necessidades em "cruzadores".

Os norte-americanos, neste ano, construíram além do carro leve M3A1 - "Stuart", o carro médio M3A1 - "Grant", armado com um canhão 75 mm em casamata e um canhão 37 mm na torre giratória. Construíram, ainda, dois carros blindados de meia-lagarta, só diferenciados no artilhamento e destino, sendo um destinado a transporte de pessoal e o outro a um canhão 75 mm auto-propulsado.



7. A TOMADA DA ÁFRICA PELOS ALIADOS

a. Preliminares

Havia uma deliberada determinação dos ingleses em aumentar o efetivo de suas forças blindadas, mas o exército de infantaria de pré-guerra dificultava esse propósito. Vários batalhões de Infantaria tiveram que ser arbitrariamente transferidos de seus papéis habituais para os da guerra blindada. Para os soldados de Infantaria "a aquisição forçada de conhecimentos mecânicos e do sentimento de mobilidade era ainda mais difícil que para os cavaleiros que, por formação, estavam pelo menos imbuídos de senso nato de mobilidade".

O problema maior, no entanto, é que a hierarquia britânica não sabia exatamente o exército que queria. Enquanto os alemães haviam, desde 1939, agrupado suas divisões panzer em corpos panzer e já ensaiavam a formação dos Ex Pz, os britânicos ainda preferiam nomear técnicos blindados para funcionar como conselheiros dos Cmt de divisão.

As forças blindadas se esforçavam em obter o apoio da força aérea em alto grau, tanto em reconhecimento como em ataques cerrados, mas, neste último caso, a RAF ainda hesitava muito em participar.

b. Da LÍBIA ao EGITO

Tal como surpreendera os britânicos despreparados no mês de março do ano anterior, Rommel atacou a 1ª Div Bld inglesa, recém-chegada à ÁFRICA, a qual, em menos de 24 horas, perdeu quase a metade de seus efetivos. A 22 Jan 42 caiu MERSA BREG e a 29, BENGASI estava novamente na mão das forças do eixo e os britânicos batiam em retirada para o Leste, estabelecendo-se em GAZALA, a fim de cobrir os acessos a TOBRUCK.

GAZALA foi uma surpresa para as forças alemãs, tanto pela profundidade tática quanto pela qualidade técnica de sua organização. Aí, os britânicos já dispunham de seus CAC de 57 mm e mantiveram seus carros à retaguarda para ter condições de resposta; ao que esperavam Rommel faria desbordar essas posições. E foi o que fez. Desbordou toda posição pelo Sul para atacar os blindados ingleses à retaguarda.

Os ingleses haviam se preparado adequadamente, emassando seus carros, faltava-lhes, todavia, habilidade para executar a ação. Insistiam em executar ataques isolados de Infantaria ou de Carros.

Todavia, graças à superioridade numérica e à surpresa pelo emprego dos "Grant", levaram de vencida as vanguardas alemãs que tiveram que retroceder e, em função da escassez de combustível, os alemães foram obrigados a estabelecer-se defensivamente.

Nesta ocasião, os ingleses tiveram tudo para aniquilar os exércitos do eixo, mas não seria através de ataques isolados no tempo e no espaço que iriam conseguir este feito. Os blindados e os canhões SC alemães eram deslocados para ocupar terreno vital ao inimigo. Contra esse terreno o inimigo era atraído e destruído pelas cortinas de canhões apoiadas pelo corpo móvel de carros. Ao invés da vitória presumível, as perdas de carros britânicos aumentavam de forma catastrófica, subindo a níveis quase insuportáveis. Os ingleses tiveram que recuar e em 22 Jun os alemães dominaram TOBRUCK.

Os suprimentos capturados em TOBRUCK deram vida nova ao África Korps que prosseguiu para MERSA MATRUH e em 30 Jun estava em EL ALA-MEIN. ALEXANDRIA estava apenas a 100 Km. Porém, segundo o General Bayer-

lein, Rommel contava então apenas com 12 carros de combate. Em 19 Jul teve início a contra-ofensiva inglesa mas sem sucesso.

c. De EL ALAMEIN à TUNÍSIA

"Hitler me promoveu a marechal; preferia que em vez disso, me tivesse dado mais uma divisão".

Rommel/Jun 42

Nova tática britânica estava prestes a ter início na ÁFRICA, com a chegada dos novos chefes ingleses, Alexander e Montgomery que iriam dar nova cadência às batalhas ali travadas.

Montgomery estava convencido de que o 89 Ex necessitava seriamente de treinamento e que deveria travar outra ação defensiva antes de passar à ofensiva.

Os ingleses estabeleceram forte posição defensiva atrás da Crista de ALAM HALFA, ponto chave para a abertura das vias de acesso para ALEXANDRIA, na tentativa de atrair os alemães e destruí-los com seus canhões anticarro da Artilharia Blindada e de Campanha.

Em 30 Ago os alemães atacaram caindo na armadilha arquitetada por Montgomery, mas apresentando uma surpresa tática pois, contrariando o usual, fizeram seus Mark IV liderar o ataque a essa posição fortificada. Os canhões dos Mark IV, bem melhores, causaram danos totalmente desproporcionais ao seu número e os britânicos só não entraram em crise porque tinham pelo menos o dobro de carros que os alemães, estavam bem posicionados e, agora, bem dirigidos. Com seus carros e CAC rechaçaram todos os ataques germânicos. A falta de reserva de combustível impedia que os alemães sustentassem operações prolongadas. A RAF castigava bastante as linhas de suprimento alemãs com seus bombardeios. Em pouco menos de uma semana a frente ofensiva alemã começava a recuar. O longo domínio da Luftwaffe já não existia. Rommel foi derrotado pela primeira vez — o inimigo possuía superioridade material e a empregava inteligentemente.

A batalha entrou em compasso de espera. Em setembro Rommel retornou à Alemanha deixando atrás de si o África Korps montado numa estrutura defensiva, único método lógico de travar uma batalha segundo diretrizes estritamente econômicas. Evidentemente, tal atitude estranha ao uso ótimo das panzer como se evidenciaria na próxima batalha (onde a guerra de atrito centralizada na Infantaria, tal como Montgomery a praticava, na qual a força blindada desempenhava papel subsidiário, depois da Artilharia e dos bombardeios aéreos), desgastava as divisões panzer.

Se este Ex britânico estava por fim começando a se parecer com o ideal imaginado por Fuller, as batalhas que travou estavam longe de se aproximar daquilo com que sonhara.

Montgomery começou a por em prática um plano que visava destruir as formações de infantaria do inimigo antes de atacar seus blindados. Pensava em atacar com o XXX Corpo, forte em Infantaria, para abrir a brecha por onde lançaria seus blindados, bem como esperava que os blindados inimigos o atacassem aos poucos, pois tencionava mantê-los o mais dispersos possível. Com esse objetivo, realizaria uma série de ataques diversionários.

A verdade é que, nessa ocasião, os blindados alemães já estavam dispersos e mais do que isso, em função da escassez de combustível, não poderiam dar-se ao luxo da usual concentração para o empenho na batalha. Assim o combate realmente se deu como Montgomery imaginara, inclusive com os blindados germânicos sendo empregados por grupos fragmentados. Nesta oportunidade, os blindados se defrontaram ao mesmo ritmo do combate travado pelas tropas de Infantaria.

O único, mas fundamental senão, é que a batalha não foi decisiva, como poderia ter sido. Embora com uma superioridade enorme em termos de recursos, mas perdendo muito mais carros que as tropas do eixo e não dispondo de uma força móvel capaz de empreender a exploração do êxito ou a perseguição, após penetrar na posição defensiva inimiga, permitiu que o que restava dessa força escapasse.

Este seria o padrão das ofensivas de Montgomery, que dessa forma atenuava o brilho de seus próprios êxitos, mas era com esse padrão que os blindados britânicos deveriam identificar-se em virtude dos valores em modificação.

A esta altura, os alemães sofriam sérios reveses na RÚSSIA e seus efeitos começavam a se fazer sentir, mas nada disso era evidente quando da batalha de EL ALAMEIN ou quando a armada aliada zarpu dos EUA e da INGLATERRA para desembarcar em CASABLANCA. Os ingleses, com sua nova tática, lograram alcançar a TUNÍSIA no início de 43, sem terem sofrido um só revés, mas também sem conseguir a desejada destruição das forças inimigas.

d. A operação "Tocha" e a capitulação

A 8 Nov se consumava a operação "Tocha", a primeira grande operação anfíbia aliada. O grosso das tropas que liderariam o assalto naval, em parte pela razão política de abrandar os franceses, teve de ser norte-americano. A inexistência de um carro anfíbio e particularmente de barcas de desembarque para carros, condicionaram a liderança da operação a tropas de Infantaria. Tais circunstâncias, porém, seriam esquecidas e o êxito da operação iria influenciar a técnica de desembarque dos Aliados, bem como dar força às idéias táticas de Montgomery.

A primeira ação americana, realizada contra a cidade de ORAN, foi conduzida com muito arrojo e entusiasmo e o último lance tático foi coberto por verdadeira carga para entrar na cidade em triunfo. Esse era o tipo de movimento que a divisão fora informada de que funcionaria, e funcionou, mas contra um adversário insignificante. Em 11 Nov, as forças aliadas dominavam além de ORAN, CASABLANCA e ARGEL.

Desde o começo, os norte-americanos imbuíram-se da idéia de que os blindados emassados eram onipotentes. Eles acreditavam que uma falange blindada, lançada em combate com velocidade e em ordem cerrada como a cavalaria montada, continuaria abrindo caminho à força até mesmo através da mais forte defesa anticarro, reiterando a doutrina do peso e velocidade a todo transe, sem dar a atenção devida às mudanças que a essa altura se verificavam com o recrudescimento do duelo entre a blindagem e o canhão.

Seu treinamento havia sido feito nestes moldes, em detrimento do combate intensivo, ignorando praticamente a necessidade de se empenharem em combates demorados, quando o movimento só pudesse ser assegurado após se obter a supremacia pelo fogo e depois de vencidos os obstáculos do campo de batalha, como os campos de minas, por exemplo.

Por isso, ao atingirem a TUNÍSIA, e se defrontarem com as tropas alemãs, pagaram por sua inexperiência, particularmente, na chamada batalha de KASERINE.

Os alemães haviam sentido a necessidade de manter uma cabeça de praia no Norte da África e esta deveria ser na TUNÍSIA. O material que faltava a Rommel em sua retirada, estava sendo concentrado nessa região, desde que suas forças começaram a abandonar o EGITO. Isso lhes deu superioridade local na TUNÍSIA. Além de pessoal com essa força chegavam os aperfeiçoados Mk III e IV e os primeiros "Tigres". Com esses meios os alemães empreenderam violenta ofensiva contra os aliados na TUNÍSIA, enquanto, ao Sul, resistiam na linha "Mareth".

A ação contra as forças norte-americanas quase as levaram ao pânico. Os alemães, com três divisões panzer concentradas, repetiram o que estavam acostumados a fazer sempre que atacavam exércitos inexperientes: engolfá-los totalmente. A 1ª Divisão Blindada norte-americana foi praticamente destruída.

Enquanto Armin conduzia essas operações ao Norte, Rommel fazia a última tentativa contra os ingleses, na linha Mareth. Nessa ação, suas forças perderam mais de 50 carros, enquanto os britânicos não perderam nenhum, pois, simplesmente, não os utilizaram. Montgomery havia deixado a resposta a esse ataque para sua Artilharia e seus canhões anticarro.

Após a perda da linha Mareth a guerra de blindados estava finda na ÁFRICA. Restava aos alemães apenas a região montanhosa a N e NE da TUNÍSIA, onde se desenrolou uma penosa guerra de montanha. Durante todo o mês de abril e começo de maio, a Infantaria aliada lutava para limpar as elevações, para que os blindados pudessem abrir caminho para um último avanço contra TÚNIS e BIZERTA. Aí, os carros britânicos Churchill saíram-se muito bem, porque tinham excelente agilidade e podiam galgar encostas que pareciam intransponíveis aos alemães, indo portanto a lugares onde não eram esperados, o que lhes permitia dominar o inimigo de cima, bem como acompanhar a Infantaria que escalava as elevações ao lado deles.

Ainda na primeira quinzena de maio TÚNIS e BIZERTA estavam nas mãos dos aliados.

e. O emprego dos carros pelos ingleses

O sistema britânico, baseado em duas categorias de carros distintos e com missões específicas, mostrou-se desnecessariamente especializado e complexo. Assim como ocorreu a franceses e russos, este sistema poderia ter se mostrado eficiente se contasse com condições favoráveis, o que significa dizer, entre outras coisas, situações razoavelmente estáticas e abundância material. Sob condições normais, essa forma de emprego mostrou a inadequação dessas categorias de carros em operar juntos, em íntima cooperação, numa dispersão injustificada de recursos. Isso ficou bastante claro na LÍBIA, em 1942, quando foram constantemente batidas por partes.

As idéias introduzidas por Montgomery, segundo as quais as forças blindadas deviam ser mantidas em reserva, para a exploração do êxito só depois que o inimigo estivesse derrotado, era mais uma dispersão de meios que se mostrou impraticável.

8. O PONTO DE INFLEXÃO — RÚSSIA 1942

a. Os carros de combate russos, muito inferiores em qualidade, eram agrupados em Brigadas e Regimentos que não possuíam organicamente elementos de todas as armas que lhes garantissem autonomia para durar na ação. Seus ataques, muitas vezes judiciosamente planejados, fracassavam pela falta de profundidade e pela inoportunidade em razão da falta de informações. Esse fora o quadro apresentado pelo Exército russo durante a operação "Barbarosa", mas muito rapidamente conseguiu superar suas deficiências. O surgimento do T-34 foi o primeiro sinal. Esta melhoria técnica era extremamente importante já que os erros táticos ou de organização são relativamente mais fáceis de reparação, desde que compreendidos.

A batalha de MOSCOU vencida pelos soviéticos, não seria, porém, nem mesmo o começo do caminho para a vitória. Os russos ainda teriam que amargar mais de um ano de derrotas e retiradas, pagando justo preço pela sua inexperiência.

As amplas frentes de sua ofensiva indicavam apenas números esmagadores, não capacidade militar. Os russos, apresentando centenas de divisões, vinham com tropas inexperientes, razão porque em treinamento e habilidade geral a balança ainda pendia para os alemães. Os repetidos contra-ataques alemães quase sempre espantavam os russos que ainda estavam por aprender como receber o inesperado: a surpresa era a própria essência da guerra para as Panzer, no ataque e na defesa.

Assim os princípios táticos panzer permaneciam intactos nesta retirada na frente de MOSCOU: concentrar-se quando atacada e procurar a segurança numa linha após a outra, quando em movimento. Mesmo invertendo sua ação costumeira de abrir portas, as Panzer se mostravam igualmente eficientes na condução dos movimentos retrógrados.

b. A batalha de STALINGRADO

Já em maio de 42, os soviéticos sofriam terríveis desgastes nas malogradas investidas na frente de KHARKOV, lançando muitos à destruição e enfraquecendo seriamente sua capacidade ofensiva.

Quando começaram a observar grandes concentrações alemãs na região de BRYANS, julgaram que fosse parte de uma força destinada a rumar contra sua capital, no verão de 42 e agruparam suas forças blindadas e suas melhores tropas em torno de MOSCOU. Todavia, as forças alemãs que se concentravam, tinham como objetivo o petróleo do CÁUCASO (entre os mares NEGRO e CÁSPIO) e desencadearam sua ofensiva em junho. Os alemães atacaram com 2 Gr Ex — o Gr Ex B, mais ao N, em busca do Rio DON, a fim de cobrir a ação principal desempenhada pelo Gr Ex A, cujo objetivo era inicialmente MAIKOP, próximo ao Mar NEGRO.

A ofensiva do 4º Ex Pz, do Gr Ex B, de início não encontrou resistências eficazes e as batalhas travadas só se comparavam às realizadas na Polônia em 1939, tão completos foram o colapso e o domínio alemão. Não fora a relativa lentidão do 6º Ex, que se deslocava principalmente a cavalo e a pé e, se tivessem dado liberdade ao Ex Pz, possivelmente o Gr Ex B teria tomado STALINGRADO em fins de julho. Ao invés disso, desnecessariamente o 4º Ex Pz foi desviado para auxiliar o Gr Ex A na transposição do DON.

O retardo na conquista de STALINGRADO deu tempo aos russos de se reorganizarem em torno dessa localidade, preenchendo os espaços vazios. Nessa região, antes desguarnecida, o 6º Ex se empenhava agora ante resistências de proporções formidáveis.

Mas, agora o Cmdo alemão desejava a conquista de STALINGRADO; modificando a missão do Gr Ex B, fez o 4º Ex Pz retornar ao comando desse Gr Ex.

As dificuldades em torno de STALINGRADO eram enormes. Onde antes havia um clima de vitória próxima, um mal-estar psicológico começava a tomar conta das forças, coincidente com as condições mecânicas cada vez piores dos carros. As forças do eixo estavam se espalhando ao buscar envolver a localidade, o que era extremamente perigoso.

As panzer começaram a ser empregadas de forma que não tinha lugar na estratégia alemã: no remoinho dos combates de rua. Se Paulus, Cmt do Gr Ex B não se incomodava em perder tropas de substituição tão difícil em tarefas para as quais não se prestavam, o mesmo não acontecia com os Gen Pz que protestavam violentamente. A substituição desses Cmt, no momento difícil porque atravessava o Gr Ex B, agravou a situação. Tudo isso se tornou dramático quando os russos, pela primeira vez, mantiveram seu inimigo fixado numa posição que pedia o tipo de contragolpe no qual os próprios alemães haviam se distinguido tanto. Então, em 19 nov, das cabeças de ponte mantidas no DON, surgiram quatro corpos de carros russos.

Os golpes foram desfechados contra as divisões romenas de menor padrão. Fizeram-se logo penetrações à velocidade crescente à medida que os russos exploravam a vantagem obtida no território ocupado pelos alemães, com "energia e eficiência denunciadoras de que haviam finalmente assimilado o método panzer alemão". Agora utilizavam as mesmas táticas. A pinça que buscava envolver a localidade, destruía e repelia a pinça anteriormente lançada pelos alemães. O 6º Ex de Paulus e parte do 4º Ex Pz ficaram cercados. Cerca de 200.000 homens, com equipamentos danificados e desesperadamente carentes de meios, foram isolados do resto do Gr Ex pelas linhas russas.

O rompimento do cerco de STALINGRADO não se fez, por obstinação de Hitler que desejava manter a localidade a todo custo³.

Cedo os russos renovaram ataques blindados violentos e bem dirigidos, agora, não só selando a sorte das forças cercadas em STALINGRADO, mas visando o completo isolamento das forças do eixo a Leste do Rio DON (Gr Ex A).

As lutas entre as forças blindadas tornaram-se cada dia mais violentas. Quantidades de carros russos, bem dirigidos na cúpula, porém mal orientados nos níveis inferiores, investiam, sem considerar perdas, para fechar o corredor que Mainstein mantinha e pelo qual deveriam escapar as forças do Gr Ex A.

Os dois lados empregavam táticas quase idênticas. Os alemães cujo padrão de treinamento era bem superior, ainda levavam nítida vantagem nos combates locais. Mas, no geral, os russos, em número bem superior, lançavam pelas estepes torrentes de carros que os alemães se mostravam incapazes de absorver. Cientes de que, em virtude das enormes frentes, a força aérea tinha papel limitado no Leste, os russos haviam reforçado consideravelmente sua Artilharia. Sua entrada em ação, embora previsse o emprego do bombardeio aéreo, era sempre anunciada pela ação de sua artilharia pesada em grande massa.

Enfrentando uma superioridade de quatro para um, ou maior, e o hábito russo de lançar massas de homens e materiais contra determinado ponto, sem cessar, até que não houvesse mais nada a lançar, ou que a barreira inimiga houvesse sido penetrada, às Panzer só restava empregar as táticas que experimentaram na batalha de MOSCOU e que se repetiam agora também no deserto africano. Esforçavam-se por desgastar as colunas de carros russas, dizimar sua Infantaria, interceptar suprimentos e salvar as unidades que não mais podiam resistir atrás das linhas inimigas.

Mas os russos ainda tinham muito que aprender e em seguida iriam sofrer sério revés, mais uma vez na região de KHARKOV. A experiência acumulada durante o período de desventura nas estepes viria em socorro dos alemães que pressentiam a chegada do momento de exaustão das forças russas, na extremidade de linhas de comunicações, o que as tornariam vulneráveis a um contra-golpe.

3 — Ver Stalingrado, pelo Cel-Gen KURT ZEITZLER, em *Decisões Fatais* — Biblrex — 1962

Mainstein, durante os meses de janeiro e fevereiro de 43, desgastou as forças russas atraindo-as para uma armadilha, enquanto agrupava o que lhe restava de blindados. Atacou no final de fevereiro, surpreendendo os russos e invertendo completamente a situação. Agora os russos retrocediam perseguidos febrilmente pelos alemães.

O degelo salvador mais uma vez chegou, não antes, porém, dos alemães desbaratarem o 69 Ex russo e seu 39 Ex de carros. Não fora a lama, e o contragolpe de Mainstein teria tido a profundidade suficiente para isolar o bolsão, que a linha de frente apresentava nos dois lados de KURSK.

d. Mudanças nas táticas blindadas soviéticas

Após as perdas consideráveis de 1941, os russos haviam acelerado a revisão de seu sistema doutrinário de emprego de blindados. Voltaram a empregar os ataques frontais com pequenas unidades de carros liderando a Infantaria. A necessidade tornou-se uma virtude e a doutrina oficial passou a propugnar uma estreita cooperação dos carros com as outras armas.

Dos ataques frontais, as forças blindadas soviéticas passaram à penetração progressivamente mais profunda e da penetração tática à exploração do êxito e a envoltórios móveis em escala estratégica.

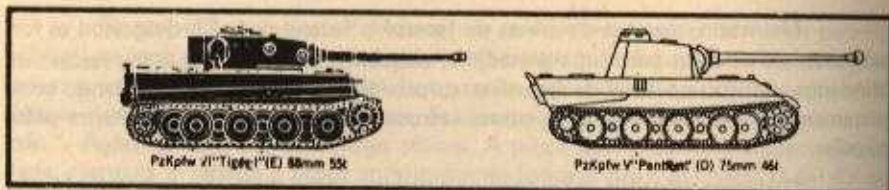
Suas ações, sempre empregando grandes efetivos, reforçando continuamente sua Artilharia, tornavam suas penetrações poderosas e profundas, sendo difícil ao adversário, nas amplas frentes, absorver seus ataques.

9. O AVANÇO TÉCNICO NOS ANOS DE 1942/43

A guerra ia chegando a seu ponto decisivo e grande era o esforço dos contendores para se superarem e o aperfeiçoamento dos blindados era uma meta comum.

Em 1942, na frente de LENINGRADO e na TUNÍSIA os alemães lançaram em pequeno número, seu novo carro pesado Tigre, exemplo típico de como realizavam experiências no serviço ativo e, ao mesmo tempo, sinal das dificuldades que estavam encontrando para mobiliar suas divisões blindadas. Nestas circunstâncias, era natural que o Tigre apresentasse, como apresentou, uma série de problemas de natureza técnica. Contudo, os primeiros dados dando conta de seu surgimento informavam tratar-se de um carro cuja blindagem, extremamente espessa e com um canhão de 88 mm de provada eficiência, representava terrível ameaça, pois não podia ser varado frontalmente por qualquer canhão anticarro aliado então em serviço, além de poder perfurar facilmente qualquer carro aliado a distância até 1.200 m e, em alguns casos, até 2.000 m.

O Tigre pesava cerca de 55 ton e tinha blindagem frontal de 100 mm e lateral de 83 mm. Foi construído de modo a ter possibilidade de vadear até 4,5 m,



andando pelo fundo completamente submerso, o que era uma necessidade dado seu elevado peso em relação à capacidade da maioria das pontes. O seu canhão representava uma combinação altamente satisfatória entre o calibre e a velocidade, o que dava grande capacidade de penetração aos seus projéteis.

O Tigre com essa fórmula tática tornou-se o mais poderoso carro pesado à época de seu lançamento.

Logo depois, os alemães lançaram o Pantera, o carro médio de maior sucesso a aparecer na parte final da II GM, superando a "maravilha soviética, o T-34. Pesava 46 ton, estava artilhado com um canhão calibre 75 mm, com 70 calibres de comprimento, com uma Vo de 92 m/s, o que o tornava bem superior a todos os outros carros médios quando lançado. Sua velocidade alcançava os 46 Km/h.

Hitler, porém, julgava que os projéteis de carga oca que estavam sendo produzidos para a Artilharia e que demonstravam elevado poder de penetração em chapas blindadas, resultariam em considerável decréscimo na capacidade dos carros de combate e acreditava que a solução estava no aumento da Artilharia auto-propulsada. Essa idéia não era, absolutamente, compartilhada pelos Cmt Pz, particularmente Guderian. Primeiro porque essa medida desviaria parte da produção das fábricas dedicadas à construção dos carros de combate, o que significava redução ainda maior na já escassa quantidade de carros das Div Pz. Cada divisão contava agora, oficialmente, com dois batalhões de carros, cada um com 48 carros, quando originalmente se previam 561. Segundo porque os canhões de assalto, com sua limitada pontaria direcional, impunham restrições táticas aos comandantes blindados. Durante um ataque (e as divisões panzer quase sempre combatiam agressivamente) um canhão que não tivesse movimento amplo de tiro não podia enfrentar as situações inesperadas que surgiam nas frentes de batalha. Deste modo só podiam permitir a existência de canhão de assalto nos escalões da retaguarda, de onde davam apoio de fogo aos carros que iam à frente.

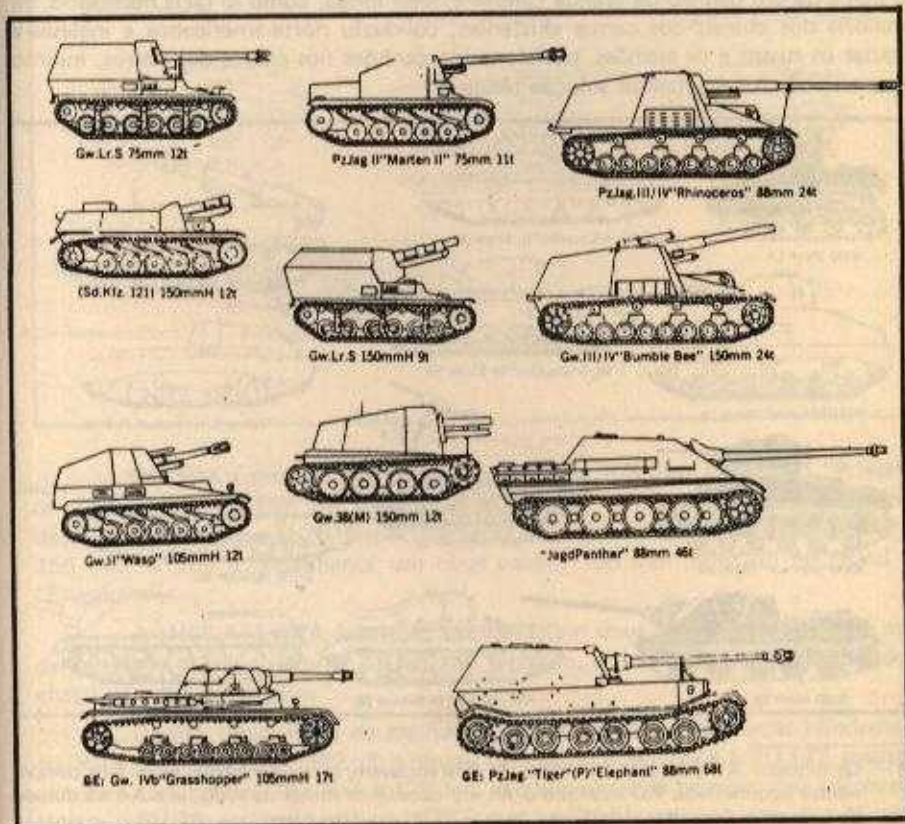
Apesar dos argumentos em contrário, os canhões e obuses autopropulsados (AP) ou canhões de assalto passaram a ser construídos em grande escala.

A ALEMANHA construiu, em 1942, nada menos que 3 diferentes carros destróires ou caça carros: o Gw Lr S 75 mm; o PzJag II ou "Marten II", também com calibre 75 mm, e o PzJag III/IV ou "Rhinoceros", este aproveitando o vitorioso canhão de 88 mm; quatro tipos de obuses AP: o Sd Kfz 121, o Gw Lr S e o Gw II/IV ou "Bumble Bee", todos com calibre 150 mm e o Gw II ou "Wasp" com calibre 105 mm, este utilizando o chassi do Pz II como outros que podem ser iden-

tificados nas figuras ao lado, pesava 12 ton desenvolvia velocidade de 40 Km/h, tendo 109 de deriva em ambos os sentidos. Construiu ainda neste ano o Gw . 38 (M), um Can AP.

Em 1943, os alemães construíram outros três carros destróires: o Jag-Panther, uma versão caça carros do "Pantera", equipado com um canhão L/71 de 88 mm, com tiro direcional limitado a 130° em ambos os sentidos. Com 80 mm de blindagem frontal inclinada, este blindado era formidável, embora apresentasse as mesmas limitações de todos os canhões AP quando comparados com os carros.

Pesava 46 ton, desenvolvia velocidade de 46 Km/h, quando disparava munição APCBC a 1.000 m, podia penetrar placas blindadas de 170 mm, inclinadas de 30°; o JagTiger, uma versão do carro "Tigre", também conhecido como "Elefante" ou "Ferdinando", também armado com um Can 88 mm e o PzJag 38 M ou "Marten III", este último com um canhão 75 mm. Construíram ainda um Obus AP de 105 mm denominado "Grasshopper".

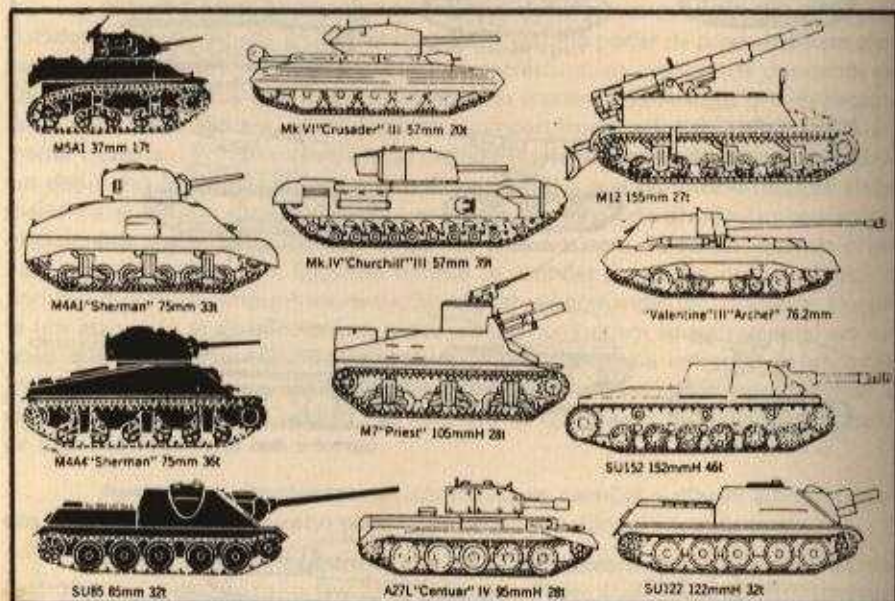


No começo de 1942, os norte-americanos colocaram em operação o M5A1, um carro da linha do Stuart, armado com Can 37 mm e o M4 "Sherman", um carro da linha do Grant, armado com Can 75 mm, agora em torre giratória. Ainda nesse ano, produziram um novo modelo na linha de carros leves, o M3A3 e novos modelos do "Sherman"⁴.

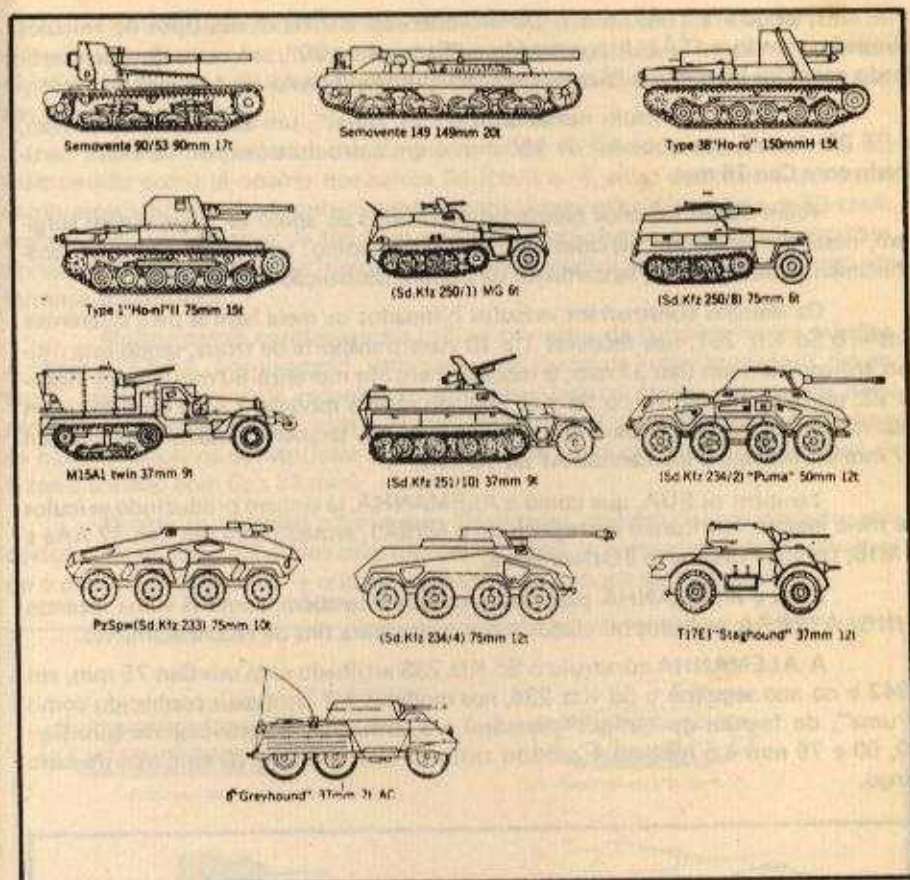
Todos esses carros apresentavam avanços técnicos em relação aos modelos anteriores, todavia, se comparados com os carros que estavam entrando em operação na RÚSSIA e ALEMANHA, já surgiam superados.

Neste ano, a INGLATERRA produziu novas versões do "Cruzer" e do "Churchill", sendo a principal modificação em ambos os carros representada pela substituição dos Can 40 mm, das versões de 1941, por Can 57 mm.

As características desses carros, tanto quanto a dos norte-americanos, indicavam a necessidade premente que tinham, ambos os países, de aumentar o poder de fogo de suas forças blindadas. A inviabilidade de colocar torres que suportassem o coice de um canhão de grande calibre e tubo longo, como se fazia necessário, na maioria dos chassis dos carros existentes, conduziu norte-americanos e ingleses a imitar os russos e os alemães, posicionando canhões nos cascos dos carros, mesmo que essa não fosse a melhor solução tática.



- 4 — Os modelos A1 e A4 do "Sherman" se diferenciavam, particularmente, pelos seus componentes automotivos. Por exemplo o A1 era dotado de motor de avião, já o A4 era dotado de 5 motores Chryslers acoplados.



Os EUA construíram em 1942: um obus 105 mm AP, o M7 "Priest" e um canhão de 155 mm AP, designado M 12. Em 1943, construíram dois carros destróires, o M 18 e o M 36, respectivamente com Can 76 e 90 mm, um Obus AP de 155 mm o T64 e, finalmente um obus calibre 105 mm montado no chassi do "Sherman".

A INGLATERRA fabricou, em 1942, um obus de assalto calibre 95 mm, denominado A27L "Centuar" e no ano seguinte, um carro destróier utilizando o chassi do carro "Valentine".

Dentro dessa linha de melhoria do poder de fogo das forças blindadas, a RÚSSIA produziu, em 1942, dois obuses de assalto: o SU 152 e o SU 122, respectivamente com calibre 152 mm e 122 mm. No ano seguinte fabricou dois carros destróires: o SU 76, artilhado com o can 76,2 mm e o SU 85 artilhado com Can 85 mm.

Também a ITÁLIA e o JAPÃO aderiram à idéia desses tipos de veículos blindados, tendo a ITÁLIA construído o "Semovente 90", um carro destróier, artilhado com Can 90 mm e o "Semovente 149", um canhão AP de 149 mm.

O JAPÃO construiu nestes anos o "T1 Ho-ni", um canhão AP de 75 mm, o "T 38 Ho-ro", um obus AP de 150 mm e um carro destróier, o "T2 Ho-ni" artilhado com Can 75 mm.

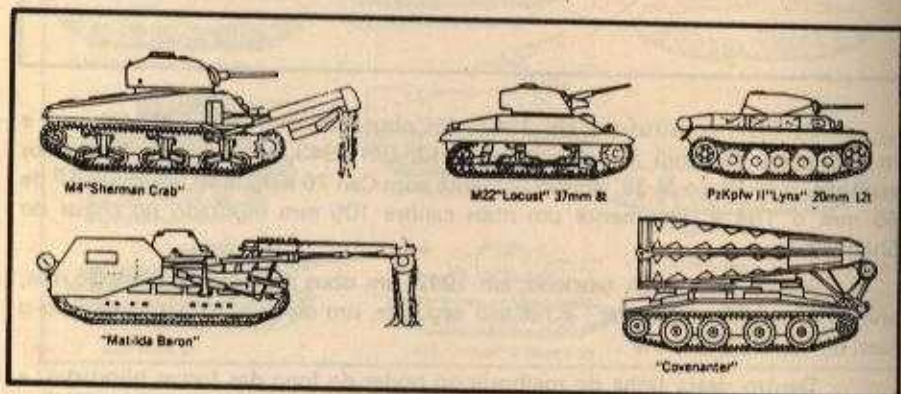
Além desses veículos blindados destinados ao apoio de fogo, outros surgiram, neste período, com variadas finalidades, tais como: transporte de tropa, reconhecimento, defesa aérea, lançamento de pontes, destruição de minas etc.

Os alemães construíram veículos blindados de meia lagarta para diferentes fins—: o Sd Kfz 251, nos modelos 1 a 10 para transporte de tropa, sendo este último armado com um Can 37 mm; o modelo 2 era um morteiro 80 mm AP e o modelo 22, um Can 75 mm AP; o Sd Kfz 250, do qual o modelo 1 e 10 também eram destinados ao transporte de tropa e o modelo 10, também armado com um Can 37 mm e o modelo 8 um canhão AP de 75 mm.

Também os EUA, que como a ALEMANHA, já vinham produzindo veículos de meia lagarta, fabricaram neste período o M15A1, armado com um Can 37 AA e o M16, também destinado à defesa aérea.

EUA e ALEMANHA passaram a construir também, como já vinha fazendo a INGLATERRA, veículos blindados sobre rodas, para fins de reconhecimento.

A ALEMANHA construiu o Sd Kfz 233 artilhado com um Can 75 mm, em 1942 e no ano seguinte o Sd Kfz 234, nos modelos 1,2 (este mais conhecido como "Puma", da família de "felinos" alemães) e 3, armados respectivamente com Can 20, 50 e 75 mm e o modelo 4 armado também com um Can 75 mm, mas de cano longo.



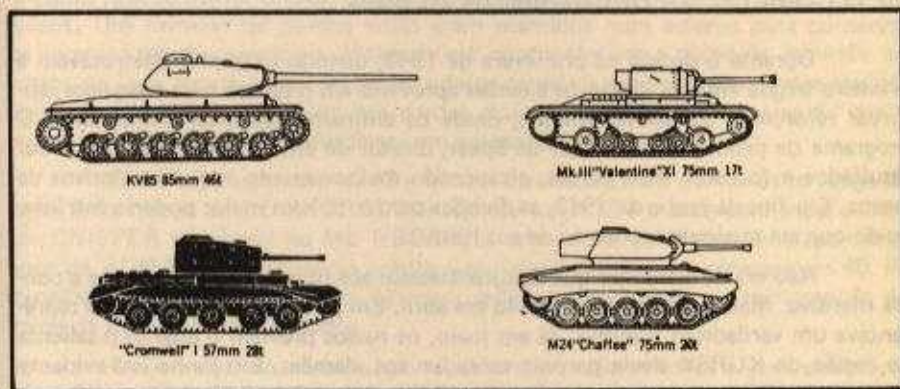
Nesta área, os EUA construíram em 1943 o T17E1 ou "Staghound", armado com um Can 37 mm e o seu, tão nosso conhecido, M 8 "Greyhound".

Desnecessário seria dizer que os carros blindados eram parte importante do componente de reconhecimento das forças blindadas, desde a criação dessas. Nas divisões panzer, no início, agiam junto com as tropas de motociclistas e tinham apenas um armamento leve.

Com o desenvolvimento da guerra foram recebendo armamento cada vez mais pesado como já ocorria nos carros Sd Kfz/3 e /4, antes descritos. Esses novos carros especializados de reconhecimento desenvolviam velocidade média de 80 km/h, eram silenciosos, dotados de tão bom poder de fogo quanto os carros de combate, tinham funcionamento mais simples e confiável, porém levavam desvantagem em terrenos acidentados.

Muitos países continuavam a utilizar os carros de combate nestas missões. A INGLATERRA, por exemplo, valia-se de seus carros da linha "cruzador". No entanto, também, carros de reconhecimento sobre lagartas foram construídos nesse período. Os alemães construíram o "Linx" ou Pz Kfz II, armado com Can 20 mm e os norte-americanos construíram o M 22 "Locust", um carro aerotransportável de 8 ton e armado com Can 37 mm.

Dentre os veículos para outras finalidades, construídos no período, vale destacar os veículos blindados destruidores de minas, o norte-americano aproveitando o chassi do "Sherman" e o inglês aproveitando o chassi do "Matilda".



A INGLATERRA, aproveitando o chassi do "Covenanter" que não havia aprovado em combate, construiu um carro para lançamento de pontes.

No ano de 1943 os EUA construíram ainda o M 24 que seria o seu melhor carro leve construído durante a guerra. Esse carro, também conhecido como "Chaffee", estava armado com Can 75 mm com $V_0 = 620$ m/s o que representava um grande progresso para um carro leve, estando armado ainda com 2 metralhadoras . 30 e uma . 50 . O M24 estava equipado com dois motores "Cadillac" somando uma potência de 110 HP que lhe dava uma boa relação potência/tonelagem, uma

vez que seu peso era de cerca de 20 ton. Sua suspensão era de barra de torção e sua blindagem era de 40 mm.

A INGLATERRA produziu na sua linha de "Cruzadores" o "Cromwell", um carro de cerca de 28 ton, inicialmente ainda armado com um Can 57 mm que seria posteriormente substituído por um Can 75 mm comparável ao montado no "Sherman".

Em 1943, este canhão 75 mm seria montado no modelo XI de "Valentine".

A RÚSSIA, todavia, era entre os aliados quem mais se aproximava dos progressos alemães no campo dos carros.

Em 1943 construiu o KV 85, um carro de 46 ton, artilhado com canhão de 85 mm, além de passar a fabricar o T/34 na sua versão (B).

Mas era a ALEMANHA quem mais evoluía no campo da técnica. Além do Tigre e do Pantera, este construído na versão F2 a que já nos referimos, com um canhão altamente eficiente, continuava a construir o Pz III, agora nos modelos J e L e o Pz IV nos modelos H e J. Cada modelo desses representava um avanço em resposta a qualquer evolução obtida pelos adversários, mas seria fastidioso descrevermos cada uma dessas modificações.

10. O COMEÇO DA DECADÊNCIA ALEMÃ

Durante o degelo da primavera de 1943, quando as panzer desfrutavam a primeira trégua em dez meses, os alemães aproveitaram o tempo para reequipar, absorver reforços e treinar novamente, desde os ensinamentos mais elementares. O programa de produção redobrada de Speer, diretor de armamento, começou a dar resultados e fornecer mais carros, alcançando melhoramento real nos efetivos de carros. Em fins de junho de 1943, as divisões panzer tinham maior poderio intrínseco do que em qualquer momento de sua história.

Não era de estranhar que se antecipassem aos russos e partissem para a contra ofensiva. Mainstein desejava fazê-lo em abril. Em junho, todavia, essa ação representava um verdadeiro suicídio. Já em maio, os russos previam o quanto o saliente na região de KURSK devia parecer tentador aos alemães. Em junho era evidente para os alemães que os russos haviam fortificado o bolsão. Mesmo assim a "Operação Cidadela" destinada a redução do saliente de KURSK através de um ataque de destruição, foi desencadeada em 4 Jun. Os alemães desprezavam, assim, a surpresa estratégica, fazendo exatamente o que os russos esperavam.

O ataque que se seguiu mais parecia um ataque da I GM. Grupamentos mistos de combate, nos quais os carros se destinavam mais ao apoio à Infantaria do que a ações independentes, avançavam em levas contra as linhas fortificadas e localidades russas bem defendidas. A despeito de intenso bombardeio aéreo e da preparação da artilharia, os russos dizimaram a infantaria alemã, enquanto os artilheiros anticarro escolhiam os blindados que se isolavam, com o objetivo de

melhor bater as fortificações russas. O avanço era extremamente lento. Quando os "Ferdinandos" conseguiam romper as defesas com sua espessa blindagem, o inimigo explorava o isolamento em que caíam e os caçava até a destruição, pois se nenhum carro ou elemento de Infantaria lhe dava proteção sua metralhadora não era suficiente para anular os ataques desfechados a curta distância.

A 14 Jul as panzer foram obrigadas a parar, tendo perdido o melhor de seu material.

Desta vez os russos não lhes deram oportunidade de se recuperarem, pois, no auge do esforço alemão, iniciaram sua ofensiva de verão e avançaram maciçamente numa ampla frente, recapturando KHARKOV, OREL e ampliando, gradativamente, os limites de suas atividades até que toda a Frente Oriental virou enorme fogueira.

Ao exército germânico não restou outra alternativa senão retomar a tática que o salvara depois de STALINGRADO.

O colapso no Norte da ÁFRICA tornara necessário o envio de reforços para o MEDITERRÂNEO, embora o terreno na ITÁLIA e na GRÉCIA estivessem entre os últimos lugares onde as divisões panzer poderiam ser empregadas.

As panzer se batiam agora em uma batalha de movimento em toda frente e como reserva móvel tinham que se desdobrar para acorrer a todos os locais ameaçados. Um mínimo de pontos vitais eram mantidos num esforço para conservar as reservas móveis essenciais. Hitler exigia contra-ataques a qualquer incursão ao longo de toda frente e isto era feito, a despeito de ser sabido que os contra-ataques locais inadequados resultavam em perdas maiores e resultados menores do que o que se obteria com contra-ofensivas bem preparadas.

Em fins de setembro de 43 a frente russa estava mais ou menos ao longo de uma linha que ia de LENINGRADO, passando por KIEV e acompanhando a linha do DNEIPER terminava no Mar NEGRO. A esta altura, os aliados já se aproximavam de ROMA e o bombardeio contra o território alemão que começara em 40, intensificara-se muito a partir de 42, com reflexos importantes na manutenção do nível de fabricação de blindados.

Os alemães, no entanto, continuavam a projetar novos e mais poderosos carros e protótipos do Tigre II, também denominado "Rei Tigre" estavam sendo testados e em 1943 a ALEMANHA produziu quase 6.000 carros de combate.

Mas, as perdas na frente cresciam, não só pelo emprego das panzer fora de seus padrões normais, com táticas fragmentárias, mas principalmente porque as elevadas perdas sofridas pelos alemães fizeram cair o padrão de treinamento das guarnições de carros. As substituições não permitiam manter um padrão alcançado por homens treinados como os que enfrentaram os três primeiros anos da guerra. Outro fator que concorria para a diminuição da eficiência das panzer era a desvantagem em que se encontrava a "Luftwaffe" voando em aviões que mal se igualavam aos do adversário e tendo, agora, que dar prioridade para a defesa do solo pátrio. Agora,

eram as panzer que se comportavam como os franceses em 40: locomover-se, particularmente à noite, aprender a ocultar-se dos ataques aéreos e utilizar mais a Artilharia, no ataque e na defesa.

Em 1943 as panzer receberam seus primeiros carros antiaéreos, buscando complementar a proteção que lhes faltava.

De certo modo, a campanha começou a tomar o caráter de guerrilha em grande escala. A ordem-do-dia eram as emboscadas de carros.

A luta praticamente não teve pausa durante todo o ano de 1943 e começo de 44. Inferiorizados numericamente os alemães davam ainda medida da diferença de habilidade em relação aos russos, fazendo-os pagar muito caro para recobrar o território que os alemães haviam percorrido quase que livremente em 1941. A cada passo davam demonstrações de como os blindados haviam se tornado vulneráveis às armas anticarro. Aí então, passaram a fazer largo emprego dos canhões de assalto, que se tornaram independentes, afastando-se com sua Infantaria e utilizando todas as proteções, campos de minas e passagens pelas florestas, onde as Div Pz não ficavam à vontade e só operavam em última instância.

Agora a atenção de todos, na ALEMANHA, voltava-se para a FRANÇA e os Países Baixos, onde se esperava que os aliados desembarcassem e desfechassem seu próximo ataque. Guderian, como inspetor de blindados, preocupava-se em descobrir meios para aumentar os efetivos blindados no Ocidente. Mas, onde obtê-los se os russos não paravam de atacar no Leste, repelindo os alemães na CRIMÉIA e penetrando, num profundo saliente, pela POLÔNIA, quase atingindo BREST-LITOVSK.

O número de carros diminuía constantemente nas Div Pz e agora atingia seu ponto culminante, apenas 103 carros. Em compensação houve melhoramentos consideráveis, não só no poder de combate dos carros mais modernos, como também na mobilidade dos demais veículos que compunham a divisão. O Batalhão de Reconhecimento melhorara seu poder de fogo e, muitas vezes, se via defendendo uma linha, quando outros elementos não estavam disponíveis. Os dois regimentos "Panzergrenadiere" agora transportavam metade de seus efetivos em caminhões e o restante em viaturas blindadas de meia lagarta.

Durante todo o ano de 1944 a produção alemã de carros continuou melhorando em quantidade e qualidade. Cerca de 20.000 carros foram produzidos nesse ano. O novo carro Tigre II entraria em ação com seu canhão L/71 de 88 mm ao lado do Jadtiger com seu poderoso canhão de 128 mm os quais igualariam ou superariam qualquer coisa que os aliados pudessem apresentar.

11. INOVAÇÕES ANTES DA CARTADA DECISIVA

Os ingleses ainda não haviam definido claramente o que desejavam de suas forças blindadas. No começo de 1942 haviam substituído uma das duas brigadas blindadas por uma Bda Inf Mtz, o que não passava de uma cópia do que os alemães

já haviam feito antes, na invasão da RÚSSIA. No Norte da ÁFRICA sua chamada Divisão Mista havia se mostrado pouco eficiente e agora voltavam ao conceito de equilíbrio preconizado também em 1942. Continuavam a fazer a distinção entre os carros "cruzadores" e os carros de apoio à Infantaria, embora já reconhecessem que os "cruzadores" haviam apoiado divisões de Infantaria com marcante sucesso, e os carros de apoio à Infantaria, pelo menos numa ocasião importante, realizaram trabalho de peso num papel normalmente atribuído aos "cruzadores". Seus manuais, no entanto, atribuíam aos blindados apenas o papel de força de exploração do êxito.

Quando as primeiras divisões norte-americanas foram ativadas e mesmo quando foram empregadas havia uma tendência de considerá-las não uma força de decisão mas, principalmente, uma força de aproveitamento do êxito. Todavia, em 1943, o manual do Departamento da Guerra dos EUA, ao tratar do emprego das unidades blindadas, dizia serem três os processos de emprego dos carros na ofensiva:

- liderando o ataque, seguidos de outras tropas, cuja missão seria consolidar as posições conquistadas;
- acompanhando o ataque de forças a pé para exploração de seu êxito;
- ação combinada de carros e tropas a pé fazendo juntos o ataque inicial para conquista de uma posição hostil.

Na prática, a tendência doutrinária de considerar as divisões blindadas como arma de um só propósito era descabida. Elas participaram dos mais diferentes tipos de operação e até com certo exagero, pois, inclusive, tomaram parte em ataques a posições com fortificações permanentes e que, segundo indicavam os manuais alemães de anos atrás, era uma prática antieconômica se houvesse outras divisões menos móveis disponíveis.

Como consequência desse pensamento norte-americano, o desenvolvimento de seus carros passou a basear-se na idéia de um carro de batalha, um carro que, dentro da concepção britânica, pudesse cumprir as funções de "cruzador" e de acompanhamento das forças a pé, combinando blindagem, poder de fogo e velocidade. O seu equívoco foi considerar que, em 1944, à época da invasão da EUROPA Setentrional, o "Sherman" satisfaria essa necessidade, razão porque haviam desistido do projeto de seu sucessor — o T20 — que utilizaria peças do "Sherman" sendo, porém, mais fortemente blindado e armado com um canhão de 76 mm.

A ação dos aliados no Norte da ÁFRICA transferira para aquele TO parte considerável dos seus exércitos, adiando ao invés de antecipar, no mínimo para 1944, a invasão da EUROPA Setentrional, ideada para 1943, deixando essas forças na ociosidade. Só na EUROPA Setentrional os blindados poderiam justificar o enorme capital neles investido, pois na parte Meridional desse continente-terra de cordilheiras e rios caudalosos, as forças blindadas seriam prejudicadas, como o haviam sido na TUNÍSIA, onde as batalhas eram dominadas pela Infantaria, apoiadas pela Artilharia e pelos carros.

Esses fatos, a redução do número dos carros nas panzer e a defasagem da quantidade de carros com o volume de Infantaria e Artilharia levaram os norte-americanos a reduzir quase à metade o número de seus carros na divisão blindada que passou a ser dotada de 186 carros médios e 83 leves.

Em fins de 1943, possivelmente em função do avanço técnico apresentado pelos alemães, os norte-americanos voltaram a pensar no T20 que, agora, seria artilhado com um canhão 90 mm, ao mesmo tempo que os ingleses começaram a preparar uma versão grandemente aperfeiçoada do "Cromwell". Ambos iriam contribuir para satisfazer a necessidade de um carro para todas as necessidades, mas não estariam prontos para a invasão da NORMANDIA.

A esta altura, apenas o Can britânico de 76,2 mm teria alguma chance de enfrentar o inimigo e este deveria ser montado no "Sherman" pois o canhão 76 mm com que os norte-americanos pretendiam artilhá-lo não era suficientemente poderoso. Mas foram poucos os "Sherman" dotados desses canhões até junho de 1944. Esse modelo dotado do Can 76,2 mm passou a ser conhecido como "vagalume".

Entrementes os projetistas de munição britânicos conceberam um tipo inteiramente novo de granada, primeiro para o Can 57 mm e depois para o 76,2.

Essa munição era a "Armour Piercing Discarding Sabot" — APDS na qual o projétil sólido ia envolvido por um invólucro ("Sabot") que dele se desprendia depois de deixar a boca do canhão. Esse aumento do diâmetro do projétil, dentro do tubo do canhão, permitia obter-se maior impulso inicial e, assim, velocidade muito mais elevada do que se se aplicasse uma pressão mais baixa apenas na base do projétil.

Essa munição era em muitos aspectos um desenvolvimento lógico da munição "APCR" ou sub-calibrada, utilizada pelos alemães, desde 1941, com o Can 50 mm do Pz III. O projétil "APCR" (perfurante composto rígido) consiste de uma parte central dura, material de alta densidade, coberta de uma parte mole, material de baixa densidade, cujo objetivo é diminuir o peso do projétil sem diminuir o seu calibre durante a trajetória. Esse envoltório é separado do todo com o impacto, penetrando no objetivo (chapa blindada) apenas o sub-calibre (parte dura). A redução da área de penetração no alvo permite aproveitar melhor a energia cinética resultando em maior poder de penetração.

A introdução de canhões maiores, disparando granadas a velocidade cada vez mais alta, ia tornando complexo o tiro. O artilheiro dependia mais da capacidade de seu Cmt do que da sua, para descobrir alvos e, sobretudo para calcular a distância dos mesmos. Neste aspecto ainda não se fizera grande progresso. Outro aspecto que ainda não evoluiu era o concernente ao combate noturno. O referido manual norte-americano omite toda referência à sua técnica e o inglês, embora a mencionasse, era reticente a respeito. O ataque noturno seria a exceção, não a regra. Só se tornaria factível em noites de luar. A regra era fazer os carros avançar para a frente à noite e atacar ao amanhecer. Pouquíssimas vezes essa regra seria quebrada. Nes-

sas raras oportunidades se fez à luz de holofotes refletida numa camada de nuvens baixas.

Assim estavam a técnica e a tática dos blindados para a ação na qual, segundo o planejamento, deveriam predominar. Paradoxalmente, porém, o local escolhido para os desembarques nem de longe se prestava para a ação blindada.

BIBLIOGRAFIA

- Os Blindados Através dos Séculos — J V Portella F. Alves — Bibliex — 1964
- Design and Development of Fighting Vehicles — Richard M. Ogorkiewicz — Macdonald — Londres — 1968
- History and Role of Armor — U S Armor School USA — 1976
- Blindados Aliados — Kenneth J. Macksey — Editora Renes Ltda. — 1976
- Panzer Líder — Heinz Guderian — Bibliex — 1966
- Divisões Panzer — K J Macksey — Editora Renes Ltda. — 1974
- Os Pródromos da Guerra Mecanizada — Maj Ray I. Bowers Jr. — Military Review — 1966
- Soviet Armor Doctrine — Maj Jeffrey Greenhut — Amor Jan/Fev — 1977
- Tank Design Ours and Theirs — Donn A Starry — Armor Set/Out — 1975 — Nov/Dez 1975
- Jornal do Exército — Ministério do Exército — Portugal — Nr 193 a 204 — 1976 — Nr 205 a 207 — 1977
- Armored Vehicles — compilado por G Bradford e H. L. Doyle
- Decisões Fatais — Diversos autores — Bibliex — 1962
- Rommel — Desmond Young — Bibliex — 1975
- Memórias do Marechal Montgomery — Trad. Ten Cel Luiz P. Macedo — Bibliex — 1976
- Memórias de Guerra — Vol. I — O APELO — Gen De Gaulle — Bibliex — 1977